

ILUSTRAÇÃO



2.º ANO
NÚMERO 39

Lisboa, 1 de Agosto de 1927

PREÇO
4\$00

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Urotropina

effervescente

Schering



Refresca

porque com ela se prepara uma
bebida gasosa de sabor agradável

Evita

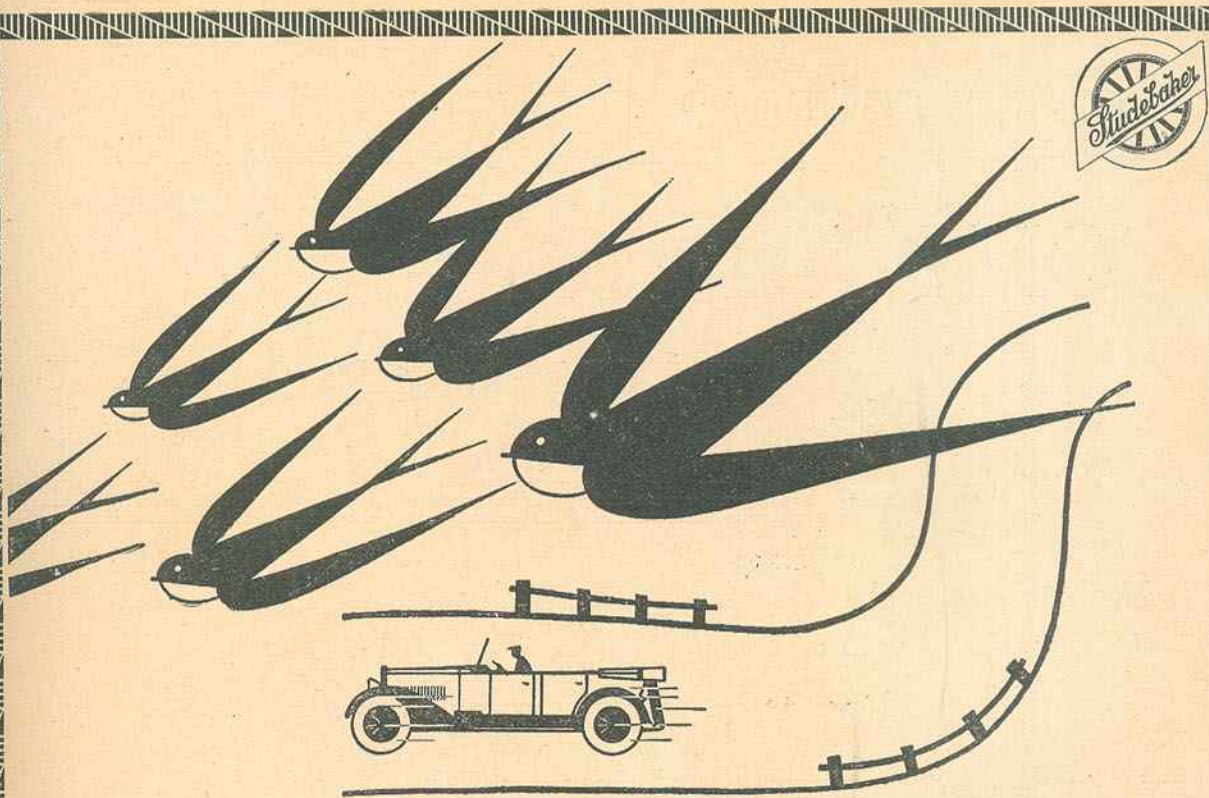
porque é o profilactico mais eficaz
contra as enfermidades infecciosas

Cura

porque a Urotropina é segundo a
opinião de todos os médicos, o mais
poderoso desinfectante interno.

Insista n'este empacotamento original Schering.





A Andorinha das Estradas !

Ligeiro, esbelto, rapido entre os mais velozes, o Erskine Six, qual andorinha, parece voar pela estrada fóra, sem sequer se aperceber dos buracos.

A elasticidade do seu maravilhoso motor de 6 cilindros favorecerá a divagação a que agradavelmente nos entregamos ao dar um pequeno passeio ; e o conforto que a sua luxuosa carroserie proporciona preservará os passageiros da menor fadiga, mesmo durante as mais longas viagens.

*6 cyl. — 12 HP — 100 Km. á hora
subindo em prise directa rampas com
11 0/0 de inclinação.*

Construido especialmente para a Europa pela fabrica Studebaker.

*Podeis comprar estes carros com o vosso
rendimento, sem tocar no capital.*

ERSKINE SIX



E 62

Unicos representantes para Portugal :
C. SANTOS LDA.
LISBOA - Rua Nova do Almada 80-2.º.
PORTO - Praça da Liberdade
Edificio da Nacional.

QUEREIS COMPRAR UM AUTOMÓVEL?...

COMPRAI UM CITROËN

Nenhum outro carro vos oferece, por igual preço, EQUIPAMENTO
TÃO COMPLETO e luxuoso

ACESSÓRIOS COMPREENDIDOS NO
PREÇO DE UM TORPEDO DE LUXO

(21.500.\$00)

*Duplo pare-brise, Avental cache-poussière, Limpa vidros eléctrico, Farolins sobre os
guarda-lamas, Pneus Ballon (novo modelo), Roda de socorro com pneu e câmara,
Porte-bagagem, Amortisadores à frente e atrás, Servo-freio, Travões às 4 rodas*

*Cofre para ferramenta, Demarreur de mis-en-march, Espelho retro-visor, Amperemetre,
Tablier luminoso, Conta-quilómetros, Indicador de velocidade, Relógio com corda para
8 dias, Indicador da gasolina, Termómetro no radiador*

*Projector de socorro, Klaxon eléctrico de dois sons, Placas niqueladas nas 5 rodas
Assentos desmontáveis*

O VALOR DE TODOS ÊSTES ACESSÓRIOS É SUPERIOR A
6.000.\$00

*Antes de comprar, pedir
preços e informações a*

EDUARDO ROSA, LIMITADA

Avenida da Liberdade, 46-LISBOA Rua de Sá da Bandeira, 355-PORTO



Quando partireis ?

*Dentro de quinze dias ? três semanas ?
um mês ? Para as praias ? para o
campo ? para a serra ?*

Prometeste-vos faser, das férias deste ano,
as mais belas da vossa vida. Que pena -
dizeis - que tais momentos não possam
durar sempre !

Perpetuai estas férias com um “Kodak”

Tirai fotografias “Kodak” de todos os vossos passeios, dos vossos amigos, dos lugares que visitardes, dos alegres momentos de prazer, coleccionai mil “recordações de férias”, e, quando as fizerdes admirar, no regresso, parecer-vos-ha que essas vossas en cantadoras férias duram ainda.

**As férias acabam :
ficam as vossas fotografias “Kodak”.**

Todos os bons negociantes de artigos fotográficos terão muito prazer em vos mostrar a superioridade dos Aparelhos “Kodak” e em vos prestar todas as indicações necessárias para um seguro exito desde a primeira experiencia.

“Kodaks Vest Pocket” desde...	110 \$ 00
“Pocket Kodaks”, desde.....	205 \$ 00
“Brownies” de Caixa, desde....	50 \$ 00

Para vos assegurar o exito :

Aparelho “Kodak”

O “Kodak” não tem senão os órgãos e acessórios indispensaveis ; com ele o amador poderá obter as melhores fotografias possíveis.

Película “Kodak”

Ao adquirirdes um rolo de Película “Kodak” - em embalagem amarela, podeis estar seguro de que obtereis boas fotografias.

Papel “Velox”

As melhores provas que podereis obter de qualquer dos vossos negativos são as que tiverem impressas no verso a palavra “Velox”.

Kodak Limited, 33, Rua Garrett, Lisboa.

R

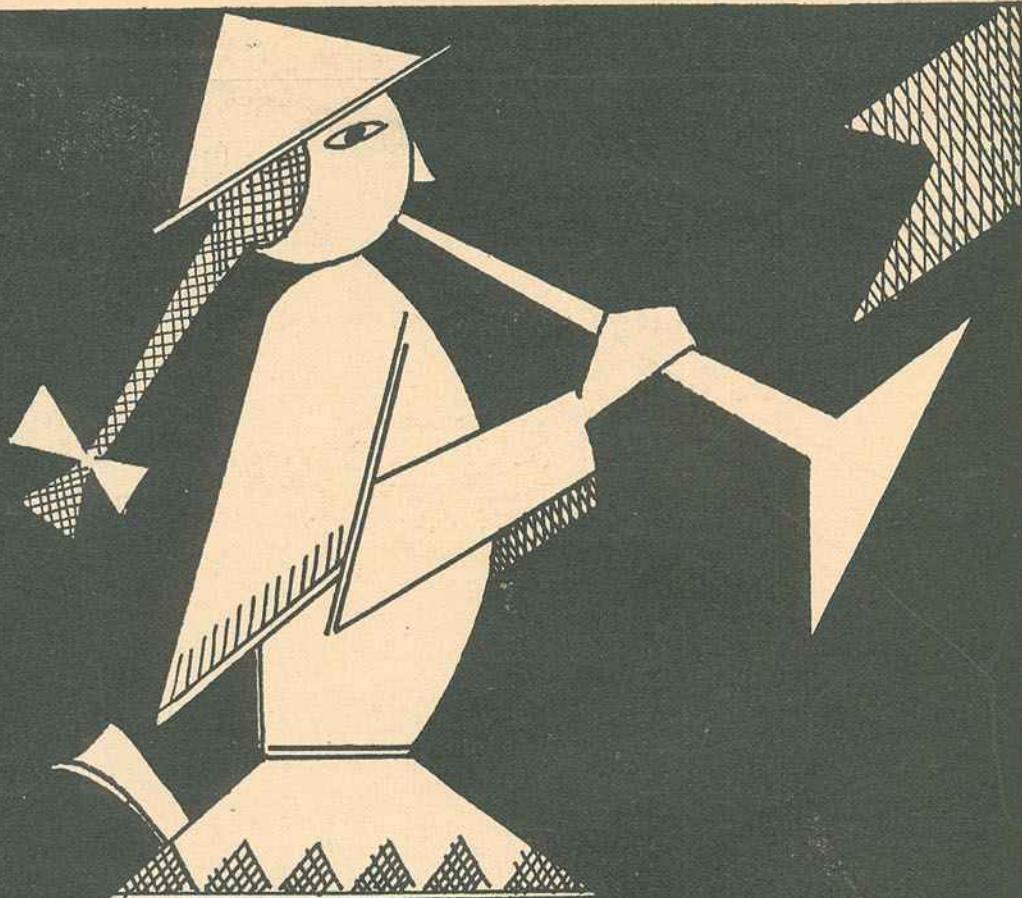
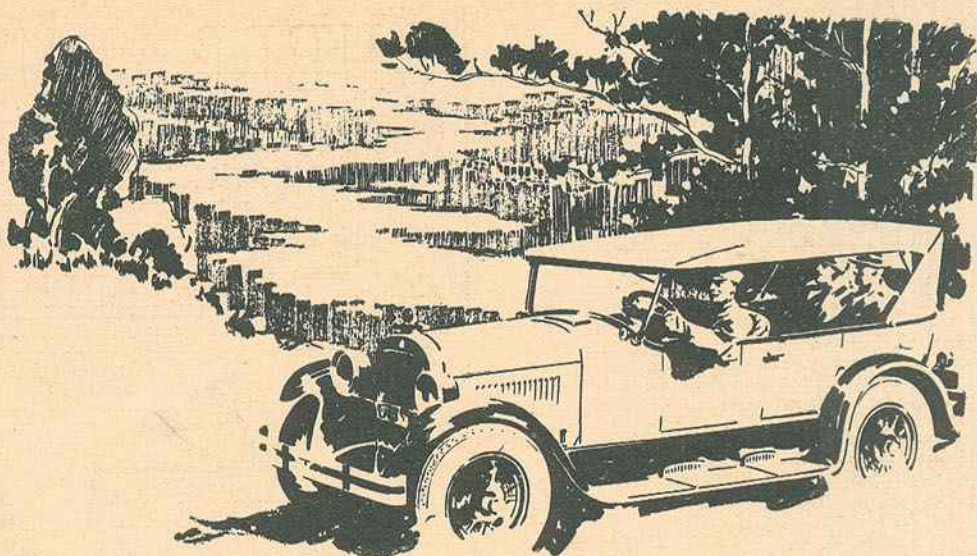


FOTO -
GRAVADORES

BERTRAND
IRMAÕS. L^{DA}

T. DA CONDESSA DO RIO 27
TEL. T. 96



COMPRE—E GUIE— COM CONFIANÇA

Os automóveis «Dodge Brothers» são comprados e guiados com confiança porque os seus possuidores sabem que por traz deles está uma grande organização que os fabrica bem e honestamente.

Sabem também que num periodo de doze anos, a grande guerra e dois milhões de proprietários experimentaram e demonstraram sem sombra de duvida a sua superioridade.

E sabem ainda que nenhum produto podia gosar duma tão grande reputação e dum valor de revenda tão alto se não tivesse verdadeiro valor.

BERNARDINO CORRÊA LTD.

SECÇÃO DE AUTOMÓVEIS

LISBOA — PORTO — LOANDA

AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS



O refresco ideal !

Para mitigar a sede durante a época calmosa, sem prejudicar a saúde, não há como os saes de fruta ENO. De sabôr agradável, o ENO não só mata a sede como é, por assim dizer, a salva-guarda natural da saúde, que tanto se resente com os grandes calores ! O ENO é um bom amigo do estômago e do fígado, e de grande benefício para o intestino que, com a sua ajuda, se conserva no estado de limpeza tão necessario á saúde.

O ENO pode ser tomado como limonada, adicionandose-lhe sumo de limão ou de qualquer outra fructa.

Depositarios em Portugal :
ROBINSON, BARDSLEY & Co. LTD.
8, Caes do Sodré, Lisboa.

As palavras "Fruit Salt" - "Sal de Fructa"
e "ENO", assim como o titulo, são marcas
da fabrica registadas.



QUEBRADURAS

ALIVIO IMEDIATO, CONTENÇÃO
GARANTIDA SEM INCOMODO
COM OS APARELHOS «BLETY»

Rambla de Cataluña, 65 — BARCELONA

SUCURSAL EM LISBOA

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 27
(PERTO DA AVENIDA DA LIBERDADE)

Recorte-se este anuncio para não confundir a direção

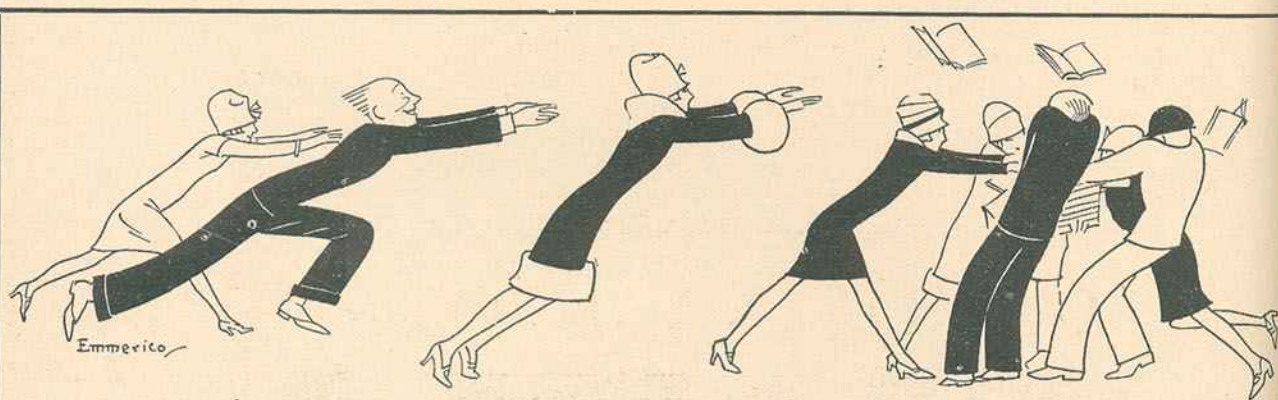
PRECIOSIDADE BIBLIOGRÁFICA

UM LIVRO DE 1570

O primeiro atlas geografico que se compilou — «THEATRUM ORBIS TERRARUM» — por Abraham Ortelis ; primeira edição colorida à mão com iluminuras. O texto é em latim, explicando 93 mapas elaborados em Antuerpia, a documentar toda a sciência do tempo que a arrojada viagem de Fernão de Magalhães, já havia lançado em novas concepções de cosmographia.

Vende-se e dão-se informações nas

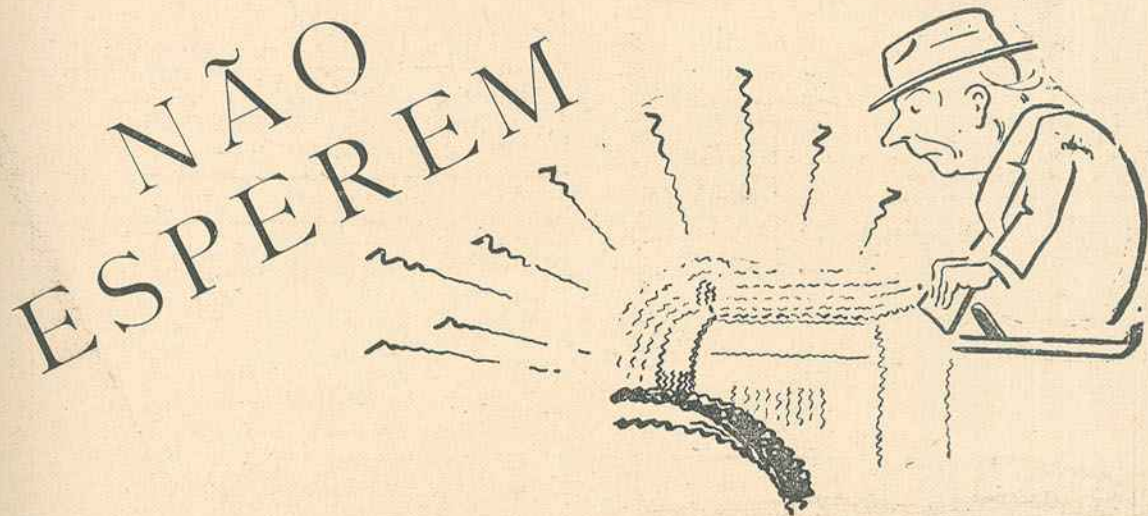
LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND



Foi posto á venda mais um numero do
MAGAZINE
N.º 8 BERTRAND N.º 8

Todos os estudiosos devem adquirir a
HISTORIA DE PORTUGAL DE ALEXANDRE HERCULANO
à venda aos volumes e por assinatura nas LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

AUTOMOBILISTAS



DESCARBONISAE O VOSSO MOTOR ANTES QUE ELE SE MANIFESTE.

A carbonisação faz bater o motor, aumenta o consumo da gasolina, e as despesas de conservação. Diminue a força do motor e o prazer de conduzir. Encurta a vida do motor.

Evitai, pois, a carbonisação do vosso motor.

A gasolina SHELL é composta de elementos que evitam a deluição do óleo, uma das causas da carbonisação.

Os lubrificantes SHELL, em sucessivas experiências práticas e científicas de motores, provaram ser 100 % superiores neste ponto, a óleos congêneres.

A carbonisação evita-se, pois, usando em conjunto

GAZOLINA E OLEOS

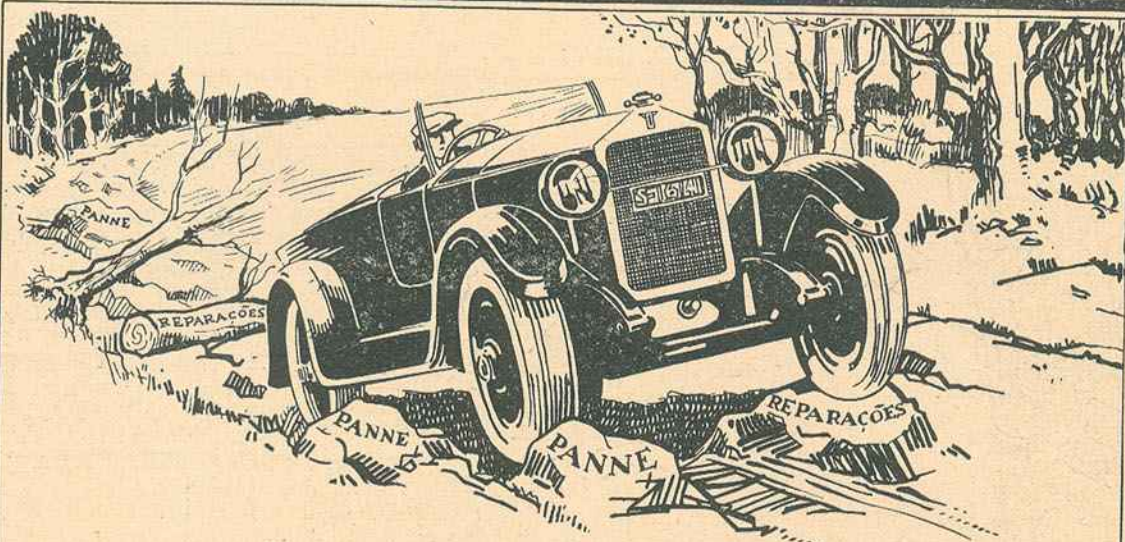
SHELL

À VENDA EM TODAS AS BOAS GARAGES

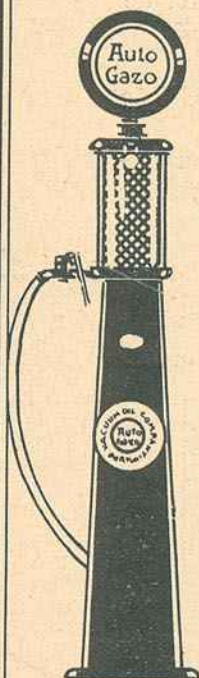
THE LISBON COAL & OIL FUEL C.^o

RUA DO CRUCIFIXO, 49 — LISBOA

DEPOSITÁRIOS EM TODO O PAÍS



DEFENDA O SEU AUTOMOVEL!



Só uma gazolina
e um óleo de boa
qualidade podem
vencer estradas más.

Exija sempre

Auto-Gazo
e
GARGOYLE

Mobiloil



VACUUM OIL COMPANY

RUA DA HORTA SECA, 15 - 17. TELEFONE: 980 TRINDADE (7 LINHAS)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA
DA «ILUSTRAÇÃO»

R. d'Alegria, 30-Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição :

AILLAUD, L.^{DA}

R. Anchieta, 25-Lisboa

DIRECTOR :

JOÃO DA CUNHA DE EÇA

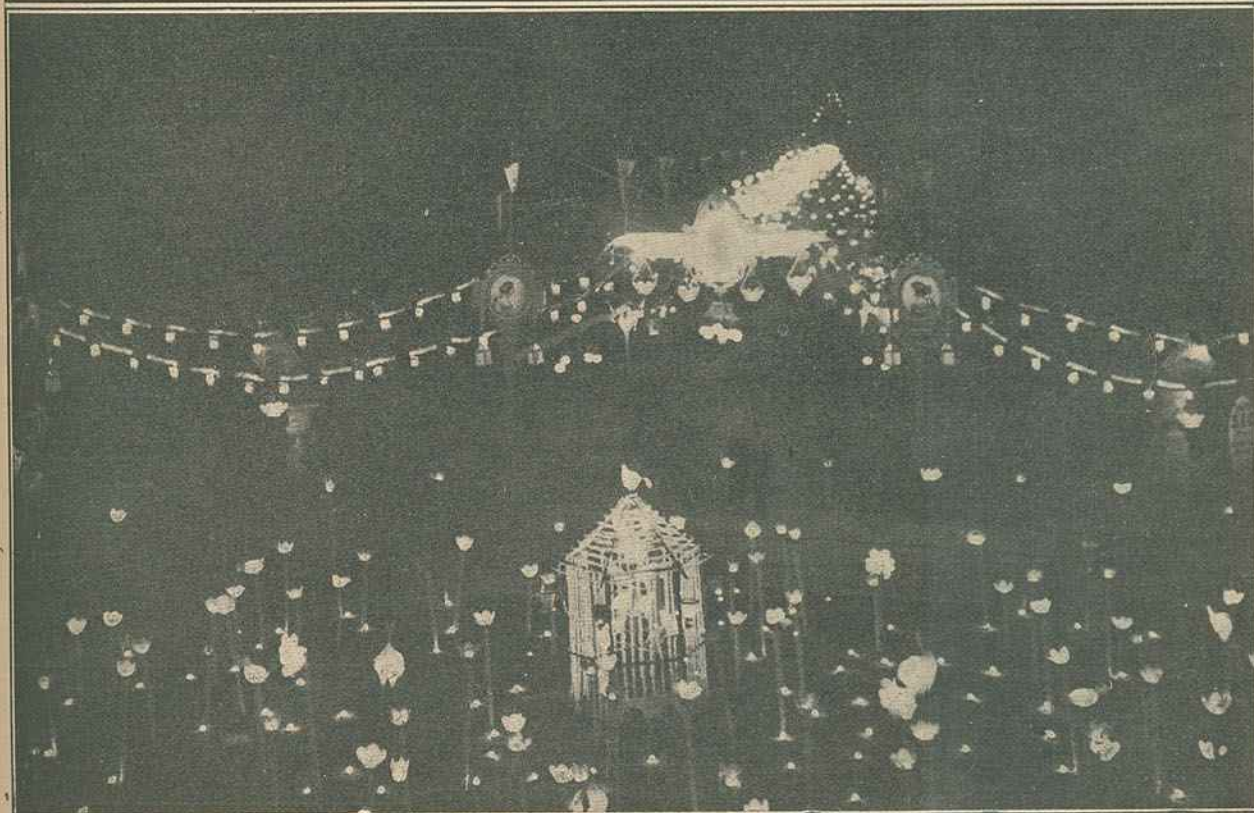
DIRECTOR-TÉCNICO :

FELICIANO SANTOS

Ano 2.º—NÚMERO 39

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

1 DE AGOSTO DE 1927



FORAM IMONENTES AS FESTAS NOCTURNAS REALIZADAS DURANTE A SEMANA DOS HOSPITAIS. AS NOSSAS GRAVURAS REPRESENTAM :
UM ASPECTO DA MARCHA MILANESA, DANDO A VOLTA AO MONUMENTO DOS RESTAURADORES E UMI TRECHO DO JARDIM ZOLÓGICO,
NUMA DAS NOITES DE CONCERTO DA BANDA MUNICIPAL DE MADRID

CRÓNICA DA QUINZENA

Em Setembro do ano passado, a sétima Assembleia da Sociedade das Nações adoptou, como resultado dos trabalhos da Sub-Comissão da Escravatura, uma Convenção, «cada uma no que diz respeito aos assuntos — *escravatura e trabalho compelido* — a qual foi assinada por vinte e cinco Estados, entre eles, Portugal.

Pelo que respeita a *trabalho compelido*, único dos dois assuntos que interessa às nações europeias, as Altas-Partes contratantes comprometem-se, por esta Convenção, «cada uma no que diz respeito aos territórios submetidos à sua soberania, protecção, suzerania ou tutela, a tomar todas as medidas necessárias para evitar que o trabalho compelido ou obrigatório crie uma situação análoga à escravidão.»

Acrescenta a Convenção que, salvas as disposições transitórias, «o trabalho compelido ou obrigatório só pode ser exigido para fins públicos»; que nos territórios onde ele ainda existe para fins diferentes, «as Altas-Partes contratantes esforçar-se-hão por extingui-lo progressivamente e tão rapidamente quanto possível»; e que enquanto existir, «não será empregado senão a título absolutamente excepcional», sempre «a tróco de uma remuneração adequada, e com a condição de não obrigar a uma mudança do lugar habitual de residência». Finalmente, diz a Convenção: «em todos os casos, as autoridades centrais competentes, assumirão a responsabilidade do recurso ao trabalho compelido ou obrigatório».

Para se fazer ideia do espírito que anima a Convenção, basta dizer que a Sub-Comissão da Escravatura não aceitou uma proposta apresentada por uma das delegações (o documento de que me estou servindo não diz qual) tendente a permitir que o trabalho compelido pudesse ser autorizado quando tivesse por intuito o interesse dos próprios indígenas, o seu progresso em civilização. Entendeu-se que por mais desinteressados e humanitários que fossem os motivos que ditavam esta proposta, ela poderia dar lugar a graves abusos, precisamente àqueles que a Convenção se propunha prevenir ou suprimir.

Depois de assentar os princípios que devem presidir à legislação sobre o trabalho indígena, a Assembleia convidou o Conselho a comunicar-lhe todos os anos um documento em que se mencionem as leis e regulamentos que os Estados signatários da Convenção tiverem publicado sobre o assunto, e chamou a atenção para a importância dos trabalhos empreendidos pelo Bureau Internacional do Trabalho «com o intuito de estudar os meios mais apropriados ao fim de evitar que o trabalho compelido ou obrigatório conduza a uma situação análoga à escravidão».

Ficou, assim, o assunto a cargo do B. I. T. A Conferência Internacional de que ele é órgão, resolveu, por isso, em Junho do ano pasado, organizar um vasto inquérito em todo o mundo, sobre as condições do trabalho indígena. Tendo a Sociedade das Nações fixado os princípios fundamentais, o B. I. T. tomou o encargo de se ocupar das suas aplicações. Para este efeito, nomeou uma Comissão de peritos destinada a ajudá-lo nos seus trabalhos. Foi esta Comissão que se reuniu, na primeira quinzena do corrente mês, no B. I. T. tendo encerrado os seus trabalhos em 12, depois de haver aprovado, apenas com leves alterações de redacção, as bases de uma regulamentação do trabalho compelido contidas no relatório preliminar elaborado pelo B. I. T.

A Comissão só se ocupou da regulamentação do trabalho compelido (salários, isenções, duração da prestação de trabalho, etc.) não tendo tido tempo de encetar a questão dos contratos de trabalho a longo prazo que fará objecto da sessão de 1928; mas, antes de encerrar os seus trabalhos para este ano, votou três resoluções bem significativas. Na primeira, «considerando a importância crescente das questões relativas às condições do trabalho nos países de além-mar, onde o desenvolvimento industrial está ainda pouco adiantado, e o interesse indiscutível de uma larga difusão de informações seguras no que respeita às medidas tomadas pelas diferentes administrações, com o fito de assegurar o bem-estar das populações colocadas sob a sua gestão», os peritos exprimiram o desejo de que o B. I. T. examinasse «as vias e meios graças aos quais se torne possível publicar com regularidade uma documentação completa sobre as questões que se prendem com o problema do trabalho indígena.»

A Sociedade das Nações dispõe já hoje de numerosas fontes de informação, muitas delas sem carácter oficial, como o «Bureau International pour la Défense des Indigènes»; nem de outro modo poderia o B. I. T. ter levado a bom termo o vasto inquérito a que procedeu; nem, tão pouco, poderia ela contrastar as afirmações feitas nos relatórios oficiais das delegações, por vezes de um optimismo tal que vai até à declaração descarada que tudo corre o melhor possível na mais civilizada das colónias possíveis.

E, certamente, a estas múltiplas fontes de informação que a Comissão de Peritos deseja que se dê uma organização regular.

A segunda resolução da Comissão de Peritos pede ao Conselho Administrativo do B. I. T. que inscreva o mais breve possível a questão da regulamentação do tra-

balho compelido na ordem do dia de uma Conferência Internacional do Trabalho.

Finalmente, a terceira resolução accetua de um modo preciso que a regulamentação do trabalho compelido «é destinada a impedir os abusos deste regime enquanto ele subsistir, mas que o verdadeiro fim que se tem em mira é apressar a abolição de toda a espécie de trabalho compelido.»

Por aqui se vê que a Comissão de peritos, como a Sub-Comissão da Escravatura não se comoveu com os dois argumentos de que ainda usam os adversários do trabalho livre nas colónias: primeiro, que nas regiões tropicais onde o europeu não pode entregar-se aos trabalhos agrícolas, seria impossível valorizar a terra se o indígena não fôsse compelido a trabalhar; segundo, que o trabalho assim imposto é útil ao próprio indígena porque o arranca a uma pobreza e apatia seculares. São, como se vê, argumentos idênticos aos que, na antiguidade se formulavam para justificar a escravidão. Mas os antigos tinham uma desculpa, explicando-se, por isso, que o mesmo um Aristóteles considerasse a escravidão um mal inevitável. É que, de facto, eles não conheciam nação alguma em que não existisse a escravidão. E, então, raciocinavam como a rosa tão celebrada, quando dizia que, em vida de rosa nunca se tinha visto morrer um jardineiro, daí concluindo que os jardineiros eram imortais.

Nem o raciocínio da rosa, nem o dos antigos eram decisivos, mas tinham, pelo menos, todas as aparências de o ser. Já mesmo não sucede com os argumentos dos partidários actuais do trabalho compelido. Países vivendo há séculos em regime de trabalho livre são por demais conhecidos e até, pelo que respeita ao indígena africano, os exemplos são já hoje numerosos e abundantes os testemunhos imparciais. Entré nós, já há cinquenta anos, no *Trabalho rural africano*, o marquês de S. da Bandeira mostrava a evidência que os trabalhadores não faltam quando lhes pagam razoavelmente e os tratam com equidade. Também a maior produtividade do trabalho livre se prova com mais de um exemplo.

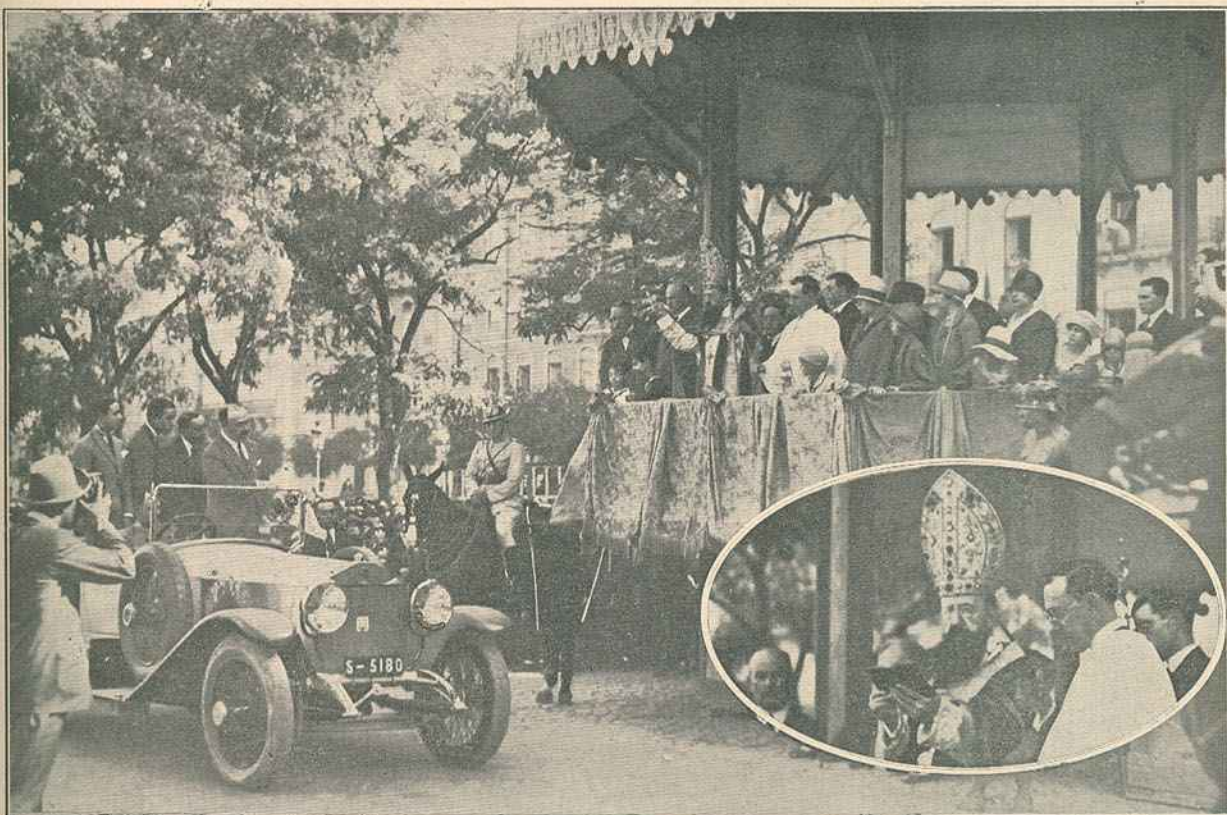
A abolição do trabalho compelido não trará, pois, a impossibilidade de valorizar as colónias; apenas desaparecerão, sem inconveniente, certos modos de fazer fortuna.

JOSÉ DE MAGALHÃES.

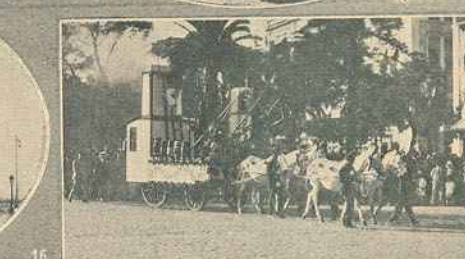
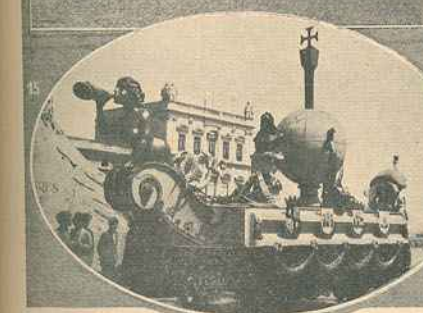
EXPEDIENTE

A «ILUSTRAÇÃO» só remunerará a colaboração que solicita.

ACTUALIDADES



Em cima: Aspecto da bênção dos automóveis e das medalhas com a efígie de S. Cristóvão, padroeiro dos automobilistas.—Na oval: o sr. bispo de Trajanópolis, que deu a bênção.
Em baixo: O maestro Ricardo Villa e alguns dos executantes da Banda Municipal de Madrid, de que é regente, num concerto que aquela banda deu no Parque das Laranjeiras



O CORTEJO ALEGÓRICO

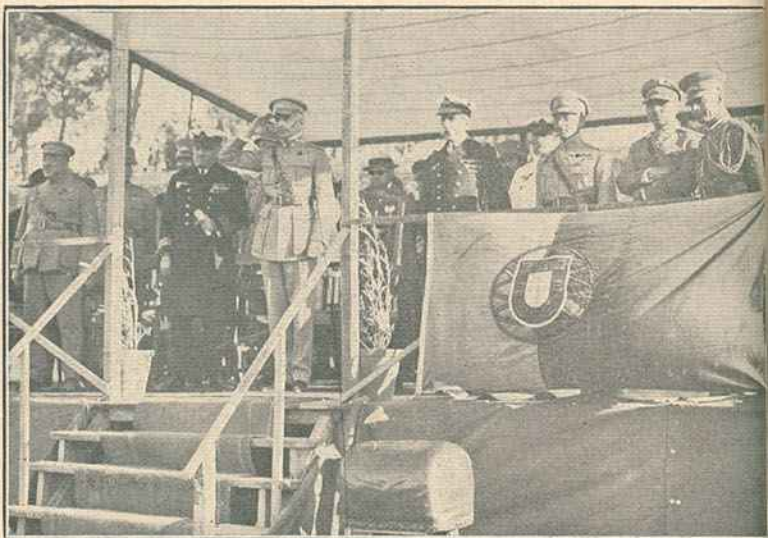
1 — CARRO DE BRAGANÇA. 2 — CARRO DE BRAGA. 3 — CARRO DO PORTO. 4 — CARRO DE AVEIRO. 5 — CARRO DE COIMBRA. 6 — CARRO DE VISEU. 7 — CARRO DA GUARDA. 8 — CARRO DE LEIRIA. 9 — CARRO DE LISBOA. 10 — CARRO DE SANTARÉM. 11 — CARRO DE SETÚBAL. 12 — CARRO DE ÉVORA. 13 — CARRO DE FARO. 14 — CARRO

DA SEMANA DOS HOSPITAIS

15 — CARRO DA MARINHA DE GUERRA. 16 — CARRO DOS BOMBEIROS.



ACTUALIDADES



EM CINEMA: A esquerda, Lily Damita, a mais bela «estrela» francesa da cinematografia, sobre cujo «nascimento se bordaram, em Lisboa, conjecturas românicas, atribuindo-se-lhe a nacionalidade portuguesa

À direita, o chefe do Estado assistindo às provas desportivas dos alunos do Instituto Profissional de

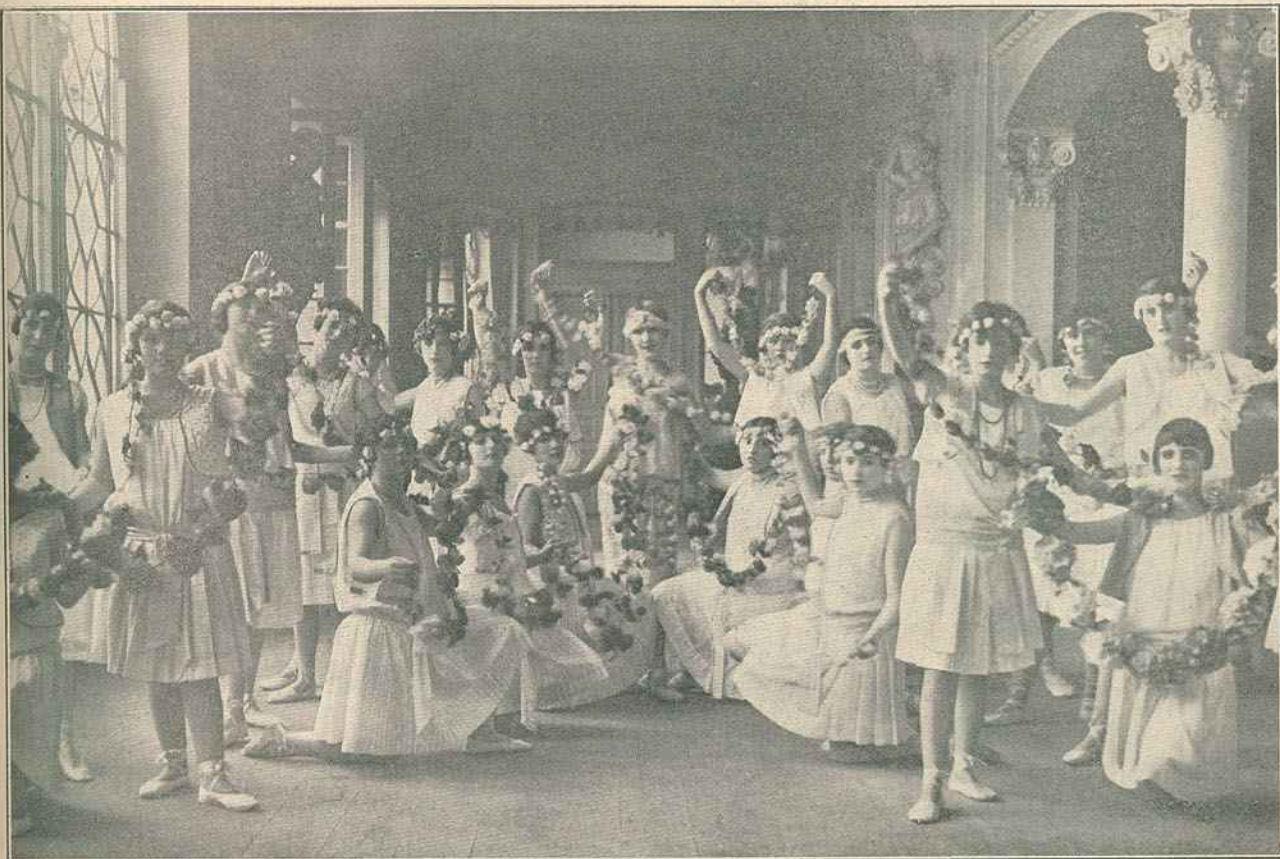
Pupilos do Exército por ocasião da festa do encerramento dos trabalhos escolares do ano lectivo findo, naquele estabelecimento de ensino

NA OVAL: Na inauguração da exposição de pintura do distinto artista espanhol, Modesto Cadenas, realizada no Salão Bobo, vendo-se no grupo os srs. Jorge Balsegas, Carlos Faria e o expositor

EM BAIXO: Um aspecto da assistência ao almoço em homenagem aos ministros da Marinha e das Colónias, realizado no dia do mês lindo, no «restaurant» Tavares



ACTUALIDADES



Promovida pela «Société de l'Ecole Française de Lisbonne» realizou-se, no dia 17 de Julho findo, uma encantadora festa, a que presidiu o sr. Ministro da França em Lisboa. A nossa gravura representa uma interessante e artística scena de bailado, executado pelas alunas daquela Escola.

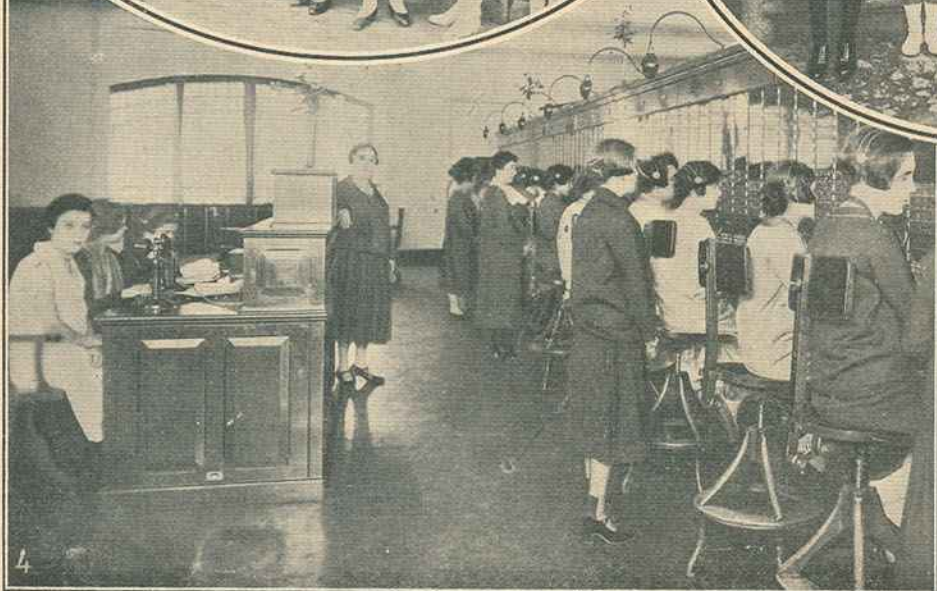
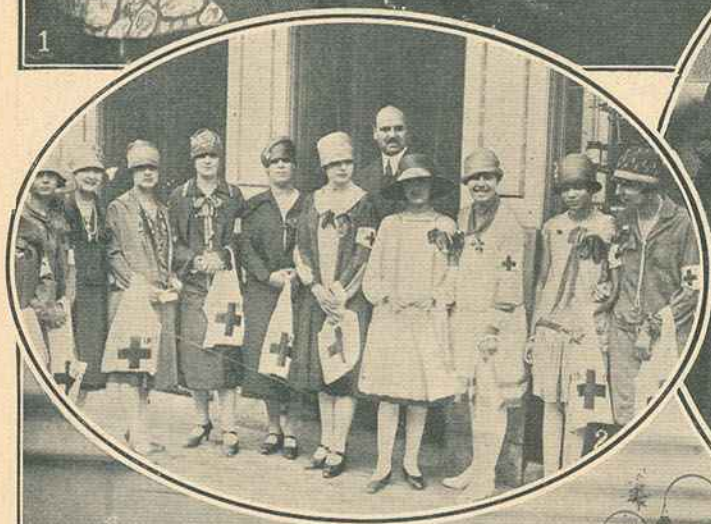


Realizou-se em Ponta Delgada o casamento da sr.^a D. Maria Luísa Machado de Faria e Maia, com o sr. José Lobo de Castro e Almeida, distinto engenheiro químico, filho da ilustre escritora, D. Virgínia de Castro e Almeida.



Com grande brilho, realizou-se no dia 16 do mês findo, na Liga dos Melhoramentos de Alges, um interessante festival de canto, declamação, e música, em que tomaram parte a distinta soprano ligeira, D. Isabel Fragoço, a nável declamadora, D. Maria de Lourdes Amaral, o pianista, sr. Santos Freitas e o violinista e compositor, sr. Henrique Cabral.

ACTUALIDADES



1 — Celebrando a festa nacional de 14 de Julho, o Consul de França no Porto deu recepção à colónia francesa da capital do norte, que foi numerosamente concorrida.

2 — Grupo de distintas senhoras portuguesas que percorreu a zona «Carlos Alberto», arrecadando donativos para a Cruz Vermelha.

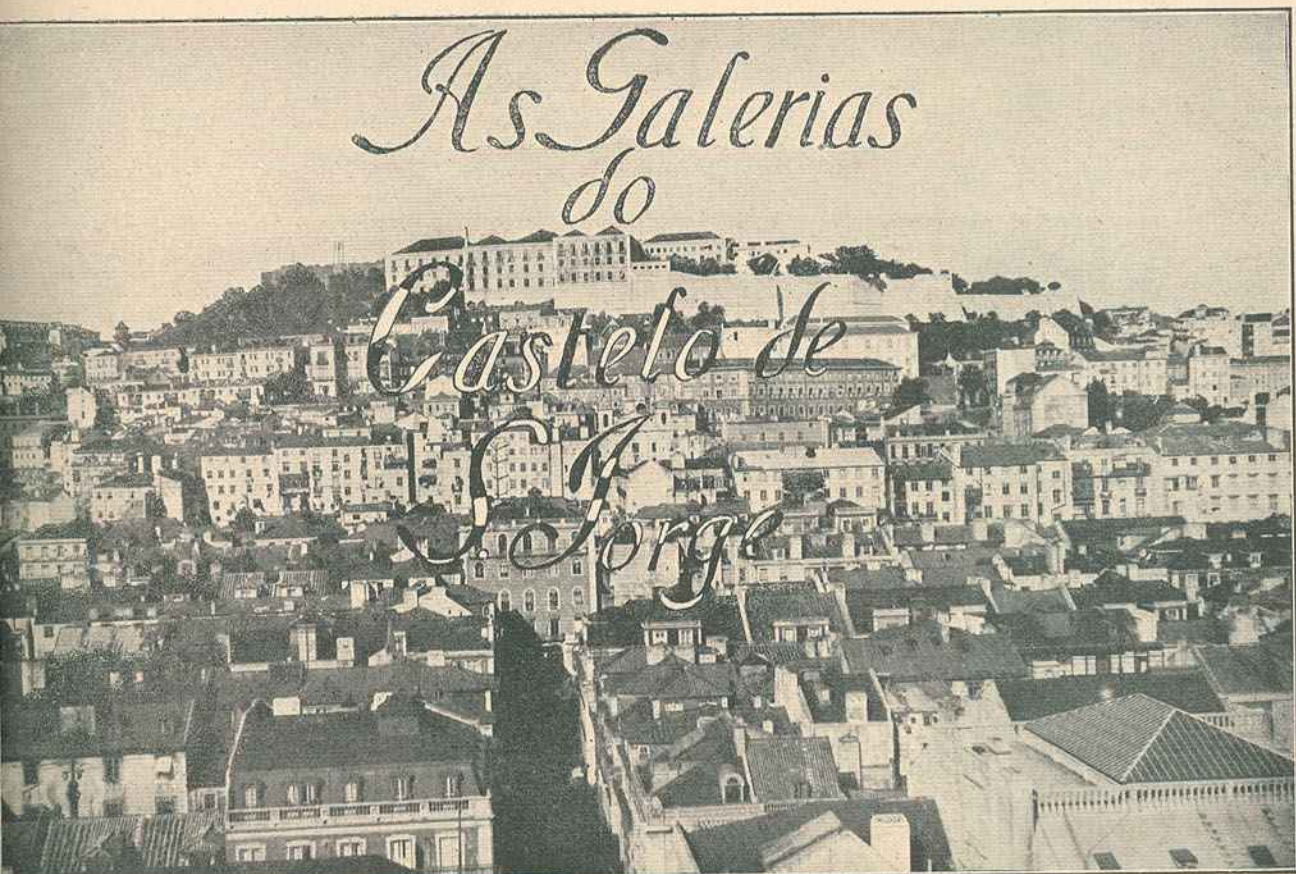
3 — A distinta professora de piano e canto, sr.^a D. Adelaide Soares Pizarro Cardoso, com os alunos que apresentou em concerto realizado em casa do distinto clínico português, sr. Dr. Felteira.

4 — Novas instalações dos telefones do Porto na estação há dias inaugurada na rua da caria.



ANUNCIAÇÃO — Vista da Amora
MUSEU DE ARTE CONTEMPORANEA

As Galerias do Castelo de S. Jorge



Este artigo surge duma recordação :— é como uma fôlha ressequida encontrada dentro dum velho livro.

Foi há quatro anos, a uma mesa de café, nessa hora em que, esgotada a paciência por esperarmos um amigo, reparamos em tudo que nos rodeia.

Próximo de mim, na mesa vizinha, um grupo de homens falava do plano duma revolução, cujo fracasso os jornais dêsse dia noticiavam. Reproduzo o diálogo na sua essência, uma vez que o tempo decorrido não me permite fixar as palavras textuais.

— Se eles teem posto em prática o projecto de que me haviam falado, talvez o resultado fôsse outro... — disse um deles.

— E qual era êsse projecto? — perguntou outro dos contertulianos.

— Fazer voar o castelo de S. Jorge, se oferecesse resistência...

Todos êles se olharam, surpreendidos, enquanto o que possuía o segredo de tão sinistro plano, continuava :

— O ataque seria feito subterrâneamente. Sob os alicerces do castelo collocar-se-ia uma grande quantidade de dinamite e, no momento oportuno, uma formidável explosão destruiria todo o morro.

— Isso era impossível! Então não se via conduzir a dinamite para o castelo? Quem tal fizesse, a não ser que tivesse cúmplices entre as forças, seria imediatamente descoberto! — disse, scepticamente, um dos presentes.

O outro argumentou :

— Também supus a mesma coisa antes

de conhecer o plano. Mas depois... É que os individuos encarregados de tal missão não tinham necessidade de ir ao castelo, pelo menos pela parte exterior...

— Então...?

— Segundo me disseram, haviam descoberto na rua da Prata a entrada duma espécie de cisterna que tem comunicação subterrânea com o castelo de S. Jorge.

— E essa cisterna existe?

— Existe, sim! Eu mesmo, uma tarde, estive junto da sua entrada. Esta fica no passeio, defronte duma casa de chá, que tem o número 61, naquela rua...

— É extraordinário! Porque os revolucionários não puseram, então, em prática, êsse terrível projecto?

— Não sei. Talvez tivessem encontrado dificuldades... Mas felizmente que assim succedeu. Seria uma catástrofe terrível, que vitimaria milhares de pessoas estranhas à política. A revolução ficaria manchada para sempre...

Calou-se aquele homem e os outros ficaram também em silêncio, como se meditassem sobre as sinistras conseqüências da façanha em hipótese que ouviram narrar. Momentos depois chegava o meu amigo e quando na mesa vizinha o diálogo recommençou, eram já as notícias do dia que serviam para comentário.

Eu, confesso, não tive para o meu amigo senão palavras convencionais, quasi automáticas, palavras de quem está pensando noutra coisa...

De facto, dentro do meu cérebro dava-se a explosão de que falara aquele homem :

via sombras deslizarem no subterrâneo, curvadas sobre caixotes de dinamite, tac-teando as paredes, fundindo-se nas trevas. Via depois a pilha do explosivo, o longo rastilho, o sinal dos revolucionários e um homem-fantasma lançar fogo... Passavam-se alguns minutos e em seguida o mórro de S. Jorge ribombava surdamente, trágicamente, como se nêle um vulcão tivesse aberto suas igneas fauces... No ar erravam destroços, projectavam-se enormes pedras, os edificios fundiam-se, mui alto as chamas erguiam suas âspides — e a confusão, o terror e o estorrecimento dominariam a cidade, espavorida ante aquele atentado que só um cérebro nihilista poderia conceber...

— Mas isto é uma fantasia absurda! — acabei por pensar. — Nem possivelmente o tal subterrâneo existirá...

E porque outros assuntos que me pareciam mais graves eu tinha para me preoccupar, jámais volvi a recordar a visão que me suggerira aquele diálogo de café.

E passaram-se quatro anos...

Há diãs, porém, lendo velhos cartapácios, encontrei referências ao castelo de S. Jorge que podem justificar a existência do subterrâneo que ouvi evocar àquela mesa de café.

O castelo foi remotamente uma fortaleza, possivelmente construída pelos romanos, sendo imperador Julio Cesar Augusto. Dêsses tempos longínquos só subsiste, porém, a tradição, a lenda, nada se sabendo de positivo sobre êsse baluarte durante a passagem pela Lusitânia dos go-

dos, dos alamos e dos suevos. Sabe-se, sim, que mais tarde ela foi reedificada pelos árabes, durante os 430 anos em que dominaram Lisboa. A fortaleza constituía, então, a principal defeza da cidade, pois



A entrada, na rua da Prata, para as termas romanas e, possivelmente, para a galeria subterrânea do Castelo de S. Jorge.

esta quasi se limitava ao espaço hoje ocupado por Alfama.

O primeiro grande facto histórico nela ocorrido, registou-se no dia 21 de Outubro de 1147. Tratava-se de conquistá-la aos mouros, pois dela dependia a tomada de Lisboa. Mas os mouros resistem e dir-se-hão inescaláveis as muralhas que os cercam e inviolável a pesada porta da fortaleza.

Mas há um homem que está pronto a sacrificar-se pelos seus companheiros de armas, facilitando a êstes a invasão no castelo onde os mouros se refugiam. E num arrôjo inconcebível, sob a estupefacção do inimigo, atira-se ao solo junto à entrada da fortaleza, conseguindo assim manter aberta, dum lado com os pés e do outro com os ombros, a grossa e austera porta.

E sôbre êsse corpo destemido vão passando, para a luta, as hostes cristãs.

Mas a temeridade durou pouco, porque os mouros, refeitos do assalto, correram sôbre o audacioso e mataram-no às lanças. Contudo, como se uma força oculta se opusesse à vontade árabe, o cadáver daquele homem ainda impediu durante algum tempo que a porta da fortaleza se cerrasse.

Esse homem chamava-se Martin Moniz. Comemorando o feito, D. Afonso Henriques mandou colocar junto à porta histórica, que tomou o nome do herói, uma estátua em homenagem a êste.

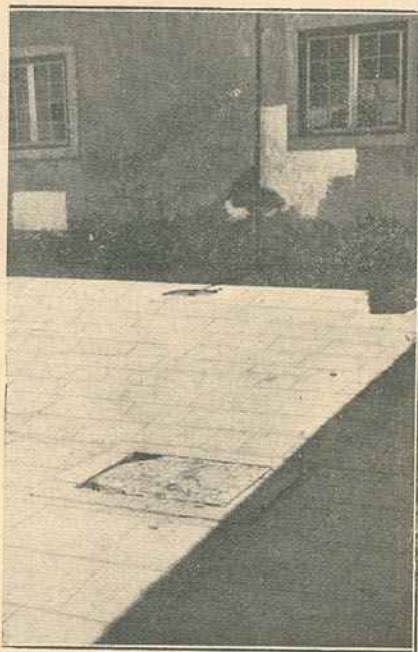
E logo que à gente moirama é conquistada Lisboa, logo que o primeiro rei de Portugal faz sentir o seu domínio, na ve-

tusta fortaleza fazem-se novas reparações, tendentes a melhorarem as obras executadas pelo invasor. E essa fortaleza continua a ser atalaia e defeza da cidade, permitindo-se, porém, que no alcaçar mouresco o alcaide-mor português estabeleça a sua residência.

E passam-se mais anos...

Uma tarde, durante o seu reinado, Afonso III, o *Bolônês*, resolve visitar o castelo de S. Jorge. O soberano foi levado ali por um desejo secreto, só conhecido do alcaide-mor. E assim, logo que transpõe as portas, separa-se da sua comitiva e na companhia do alcaide penetra num alçapão disfarçado sôbre o pavimento do castelo. Descem, com uma lanterna, umas escadas estreitas, enegrecidas e húmidas. Quando estas terminam, abre-se, em declive, sob os pés reais, um pequeno subterrâneo.

Afonso III e o alcaide caminham sempre e em breve se deteem ante umas ter-



O lugar, no Castelo de S. Jorge, por onde terá entrado para a galeria subterrânea, Afonso III, o «Bolônês».

mas romanas. Essas termas marcam o fim da galeria e a entrada para elas fica hoje precisamente defronte da porta da rua da Prata que tem o número 61 — como se disse no café...

Afonso III ter-se-ia mostrado satisfeito. A situação do seu reinado era precária e os inimigos numerosos. O soberano desejava rodear-se de tódas as defezas, de tódas as prevenções. Dal tê-lo seduzido a idea de abrir um subterrâneo entre o castelo de S. Jorge e o Paço de Enxobregas, então residência régia. Pretendia, assim, o monarca refugiar-se ocultamente em S. Jorge, dominando a cidade, no caso dos seus adversários tentarem inutilisar-lhe a acção ou a vida naquele palácio. Essa enorme galeria viria entroncar com o pequeno subterrâneo aberto pelos árabes.

Mas a iniciativa, ao que parece, não foi

levada a efeito. A distância do castelo de S. Jorge a Enxobregas era enorme e outras dificuldades teriam surgido, como a do subterrâneo não poder estar concluído em vida de Afonso III.

O que, certamente, ficou, foi a galeria dos árabes, com respiradouro no local onde hoje é a rua da Prata. Está interrompida? Ter-se-hão dado desmoronamentos internos que não permitam acesso subterrâneo ao castelo de S. Jorge. Aqui reside o mistério...

Ao que parece, há poucos anos ainda se tapou, no castelo, a entrada dessa galeria, sem se ter feito, todavia, uma rigorosa investigação. E, contudo, parece-nos que essa investigação se devia fazer. Não porque acreditemos que hajam portugueses capazes de executar o sinistro plano que ouvimos uma tarde num café da Baixa... Julgamos que a paixão política não pode chegar, em Portugal, a tal extremo. Quem realizasse tal acto, sacrificando milhares de vidas inocentes, ergueria a sua própria força — a força da história, do repúdio público, que é a pior de tódas... Mas nem por isso as investigações seriam menos úteis e interessantes. Novos elementos para a arqueologia elas podiam dar. E também surpresas, revelações sôbre o nosso passado. Frequentemente os jornais noticiam achados arqueológicos onde não se suspeitava sequer da sua existência. Ora aquela galeria, segundo os indícios a que me referi, pode revelar coisas muito interessantes. E depois, se se fechou a entrada que ela tinha no castelo de S. Jorge, porque não fechar a que ela tem na rua da Prata?



A famosa porta do Castelo de S. Jorge, onde, sacrificando a vida, se atravessou Martin Moniz.

A sabedoria das nações e das famílias aconselha que não se deve ter, a altas horas da noite, uma porta aberta...

FERREIRA DE CASTRO

UM PORTUGUÊS, REI DE ÍNDIOS?

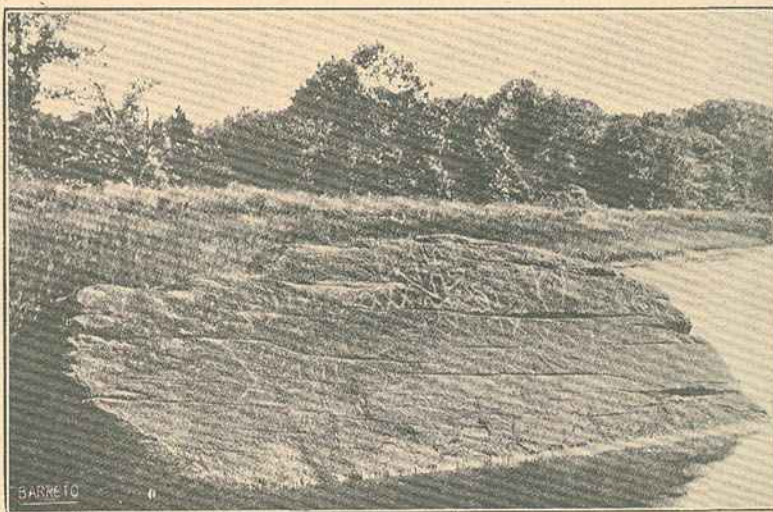
A 10 de Março de 1502, já com o ar cheio de efúvios de primavera, o povolêu de Lisboa correu às margens do Tejo, para ver abalar mais uma armada, composta de duas naus sob o comando de Miguel Côrte-Real, porteiro-mor de el-rei D. Manuel. Qual a sua rota? Se bem que não fiada do simples acaso — desde que o ínclito Infante D. Henrique acendeu em Sagres seu vivo facho de sciências náuticas e cosmográficas, não mais pilotos portugueses navegaram à aventura — seu rumo continha uma parte de impreciso. Não era, porém, que essa frota, como tantas outras, se fizesse ao mar largo na ambição de descobrir ignotas terras e alargar o domínio nacional, já nessa época tão dilatado. Um motivo quasi lutooso, uma razão de ordem restrita e pessoal determinara seu aprêsto: Miguel Côrte-Real partia em demanda de seu irmão Gaspar, que no ano anterior empreendera nova viagem à Terra Verde, por ele descoberta, e não mais voltara, desconhecendo-se por inteiro se vivo ou morto era.

Estes navegadores Gaspar e Miguel não degeneravam da sua raça: espelhavam bem o arrôjo de seu pai, João Vaz Côrte Real, donatário da capitania de Angra, que andara por longínquos mares, contando até António Cordeiro na sua *História Insulana* que êle, de parçaria com Álvaro Martins Homem, encontrara em 1463 uma nova ilha, a que dera o nome de Terra dos Bacalhau e hoje se denomina Terra Nova. Se bem que haja mais cronistas de tal parecer, supõe-se fantasioso êsse informe, que, a ser verídico, importaria para os portugueses a prioridade na descoberta da América, onde Cristóvão Colombo só aprofundou vinte e nove anos depois. Mas o cauto Damião de Gois, falando dos Côrtes-Reais, nem a tal alude.

A Gaspar e a Miguel sim que é atribuí-

do, mas mais tarde, e com visos de verdade, êsse encontro da Terra Nova, assim como o do Labrador e da Groenlândia. E também a Gaspar Côrte-Real deve o Canadá a sua revelação ao mundo europeu, contra as pretensões da França que, na pessoa do seu mareante Jacques Cartier, nos disputa essa glória. O certo é que nos próprios mapas geográficos do século XVI êsse país figura com o nome de *Corterealis*. Terra Verde lhe chamara Gaspar, ao dar com os olhos no esplendor da sua vegetação. Sucederia isto em 1500, regressando êle ao reino no ano imediato com a jubilosa notícia. Porém, não sofreu tardança a sua nova partida para aquelas mes-

nem dar notícias: é que a sua frota, como a do irmão, também se perdera. El-rei deu ordem de despacho a outra para que buscasse a ambas, mares em fora. E como às anteriores, a esta terceira igualmente o oceano a tragou. Surge ainda o derradeiro dos irmãos, morto o qual a esforçada família se extinguiria, a requerer de D. Manuel uma ou duas naus em que demande o paradeiro de Gaspar e Miguel. Mas o monarca recusa-lho firmemente: por aquele andar despovoado ficaria o reino de sua gente mais válida. Se o Adamastor ressuscitara, se promovera nova e acêsa guerra aos nossos navegantes, defendendo-lhes, sobretudo, os segredos e os virginais encantos daquelas regiões já bafejadas dos ventos do polo, para que teimar ainda e sempre? Três armadas, no rasto umas das outras, haviam sido desmanteladas. Era de prudente aviso parar. E como de Gaspar Côrte-Real, de seu irmão Miguel nada mais se soube.



A Rocha de Dighton, na qual se encontra a notável inscrição

Rolaram mais de quatro séculos — e, agora, da fundura das eras, no negrume dos tempos, estremece uma luzinha, vaga, mas que, assim mesmo, desvenda algo do destino que levou um

dêsses infelizes Côrtes-Reais. E, como se diz no lindo raconto da Nau-Catrineta, ouvide agora, senhores, uma história de passar.

O sr. Edmund B. Delabarre, professor de psicologia na Brown University e reconhecida autoridade, em tôda a New England, em historiografia e crítica de pintura, desde há muitos anos que costuma passar as suas férias estivais numa herdade situada na margem do rio Assonet, aproximadamente a uma milha de distância de um curioso penêdo coberto de inscrições e ali conhecido pela Rocha Dighton, que há longos tempos vem sendo objecto de aturados estudos por parte de historiadores e arqueólogos. Como a forma de repouso mais agradável aos sábios é, afinal, ainda o trabalho, — o professor Delabarre, cuja moradia é um verdadeiro museu de setas e fragmentos de pedras deixadas pelos índios na região, sentiu-se particularmente atraído à decifração dos misteriosos hieroglifos dessa rocha, sobre os quais tantas hipóteses se formulavam, algumas bem inverosímeis e contraditórias, desde meados do século passado. Atribuíam uns essas escrituras a descobridores noruegueses e irlandeses ou, mais remotamente ainda, aos



Os caracteres que formam o nome do nosso navegador

Ê, para lhe não alancear mais o espírito, a marinagem, roendo em silêncio a saudade, calou os toques e trovas com que era costume dar-lhe desalôgo nestas temerosas abaladas.

Passou mais de ano e dia — e êle sem tornar

fenícios, cujas expedições marítimas alcançaram assombrosa latitude. Outros filiam-nas nas extintas gentes da lendária Atlantis, havendo ainda outros que lhes davam autoria de esquimau ou de piratas do norte, sendo, neste último caso, tais sinais indicativos dos sítios onde se encontravam enterrados os grandes tesouros obtidos em sangrentas abordagens.

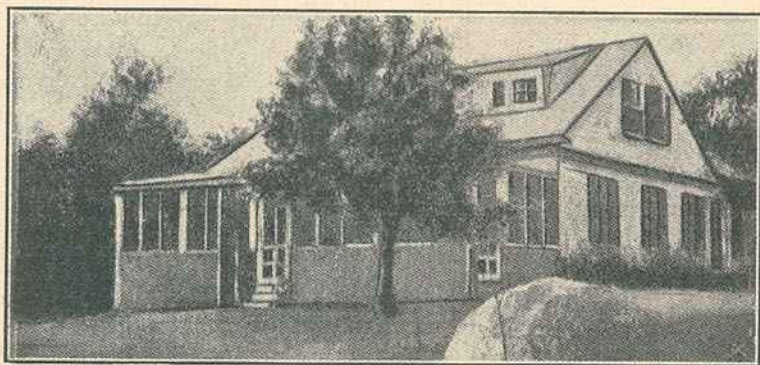
Agora, tôdas essas interpretações se esborão perante a do sr. Delabarre, que,

tato os acusa. Para fotografar todos êstes caracteres, remediando a falta de luz, que alienou sempre a nitidez nas fotografias dos precedentes estudiosos, o professor Delabarre lançou mão dum processo engenhoso: serviu-se dum cavalete guarnecido de fortes lâmpadas que fizeram incidir por igual a luz na superfície sujeita a exame.

Mas que decifrou o erudito lente da Universidade Brown? Sem contar com figuras e traços muito distinguíveis, como um X e

ontem, assim acontece ainda — para ir desbravar e fecundar as alheias. Da larga sementeira de civilização operada por gente nossa, quer nautas e soldados, quer também missionários religiosos, ainda por toda a parte perduram, como se vê, ofuscantes vestígios.

Miguel Córte-Real eleito chefe de índios! Não é difícil delinear a sua odisseia: o mar desmantelou-lhe a frota; sózinho ou com alguns companheiros, a nado ou nalgum frágil batel, atingiu aquele ou outro ponto próximo da costa; ali procurou alimento e abrigo, ali se entregou à pesca e à caça de raposas negras e prateadas, martas, castores, bisões, toda a fauna susceptível de dar proveito, ali se impôs aos naturais incultos, quem sabe a que poder de lutas, até que, por fim, êstes se lhe avassalaram. E de 1502, ano em que as suas naus se perderam, até 1511, data em que o seu estranho brado aos séculos foi esculpido no rochedo, — que vida cheia de emocionantes episódios seria a sua! Rei — mas triste rei numa terra de primitiva civilização, onde o clima é hostil em extremo, onde os invernos longos e ásperos mais aguçam a saudosa lembrança dos azulíneos céus e da veludosa temperatura do seu Portugal! Rei — mas também prisioneiro na terra em que domina, pois não pode forjar recursos de navegação para se fazer de rumo à sua pátria! Quantas vezes, na solidão daquelas praias, êle se poria a espiar o horizonte, até quasi a cegueira lhe roubar a luz dos olhos, na ânsia de avistar uma nau portuguesa! E por lá morreu, esquecido, Miguel Córte-Real, que numa manhã de Março, aromal e fúlgida, de 1502 abalara



A moradia de férias do sr. Delabarre, nas proximidades do rio Taunton

além de ser um espírito reflectido, não tem, por não pertencer à nossa raça, o mínimo interesse especial e suspeito de nos presentear, a nós, portugueses, com uma nova glória — a de termos sido os primeiros colonizadores daquela terra americana, certeza a que conduz a sua teoria solidamente arquitetada como nenhuma outra.

O famoso e enigmático rochedo fica na margem do rio Taunton, corrente que desemboca na baía Narraganset, depois de um percurso superior a cem quilómetros. É de natureza arenosa, irregular na forma, com uns onze pés de comprimento, e assenta, na baixa-maré, em pequenas pedras e lodo, no lado este daquele rio. Por detrás dêle vê-se outra rocha, achatada, que deve ser uma antiga parte sua, pois apresenta similares características. No crescer duma montanha glacial, êsse grande penhasco ter-se-ia soltado do gelo e, rolando pela encosta, ido despedaçar-se em baixo, ficando essa metade enterrada no local em que bateu e indo a outra, a que ostenta as célebres escrituras, parar já dentro da água. Em volta existem pântanos cobertos de ervagem comprida e extensos terrenos lodosos, traiçoeiros para quem os caminha.

Muitos anos sucessivos o culto investigador americano dirigiu para êste sítio os seus passeios, no obstinado e louvável empenho de desvendar o sentido das inscrições, — até chegar, enfim, ao resultado claro que hoje proclama e que tão profundo eco de orgulho provoca na alma lusitana.

E nada fácil foi sua tarefa, devido à posição da rocha e a outras circunstâncias: os sinais, além de serem muitos e emaranhados uns nos outros e gastos em diversos pontos, estão inscritos na face que dá para a corrente, face que é côncava e tem 39 graus de inclinação. Assim, para proceder à sua leitura é necessário aguardar a maré vazia, primeiro do que tudo. Depois, a própria côr da pedra, para mais coberta de musgo, dificulta bastante o seu estudo. Traços há que, por muito delicados, só o

um ou dois desenhos antropomórficos, — identificou as letras, quasi tôdas, do nome de Miguel Córte-Real, o nosso ousado marinheiro da era de quinhentos, cuja armada se perdera exactamente para aquelas bandas. Depois do nome, aparece a data de 1511, e também um triângulo duplo, que o sr. Delabarre supõe ser o escudo das armas de Portugal: com o fito de certificar a sua estada naquelas paragens e a sua qualidade de português, Miguel Córte-Real tê-lo-ia gravado ali. Mas onde a descoberta atinge o maravilhoso é quando enuncia também os dizeres seguintes: «V. Dei» e, mais abaixo, «Hic Dux Ind.», palavras latinas (o latim era nessa época usual entre pessoas cultas) que, completadas, se traduzem por esta admirável frase: «Por vontade de Deus aqui Chefe dos índios.»

Eis no que consiste a notável revelação do professor americano, revelação duma importância excepcional para a história da nossa colonização. Desta maneira, pela data indicada, a honra de primeiro colono europeu naquela parte do Novo Continente transfere-se dum inglês, a quem era até hoje atribuída, para um homem da nossa raça.

Repetimos que o professor Delabarre é um cientista liberto de preconceitos: aliás as suas conjecturas, bem encadeadas, ajustam-se ao que de Miguel Córte-Real a história nos contava já.

A rocha Dighton, representando, pois, um precioso documento dos primórdios da naturalização de europeus naquele país, simultaneamente, converte-se num alto padrão do nosso domínio e da nossa influência nos pontos mais distantes do globo. Estela que só decorridos quatro séculos logrou que alguém lhe traduzisse a legenda, donde ao mesmo tempo se desprende altivez e angústia, — ela faz-nos recordar de que portentosa maneira esta pequena grei espalhou sua energia e seu sangue pelo mundo inteiro, bastas vezes descuidando até as leiras da sua herdade — hoje, como



O professor da University Brown, sr. Edmund Delabarre

do Tejo com sua armada, em busca de seu irmão Gaspar.

Que belo tema, pelos inúmeros acidentes e lances dramáticos que se podem conceber nessa existência, para um romance de aventuras, tão do agrado dos leitores de agora! Senhores romancistas — sacudi vossa preguiça, e mãos à obra: narraí-nos, caldeando o que, pela história e por a comunicação do professor Ed. Delabarre, já sabeis, com o muito que vierdes a imaginar, a vida extraordinária dêsse marinheiro português que, por volta de 1511, e «por vontade de Deus», foi, na longínqua América, «rei de índios».

O "CAPITÃO SINHO" DO ESPINHEIRO

Na sua velha Capela ameiada pelo lado donde as neves veem, está a Mater Dolorosa, recebendo as preces dos crentes.

É uma antiga Imagem em pedra, trabalhada por um piedoso e desconhecido escultor beirão. Tem incalculável valor, já pela sua antiguidade, que deve remontar aos tempos primevos da cristandade, já pelo trabalho da sua vestidura, guarnecida de renda de chumbo.

É Nossa Senhora do Espinheiro, Santa Milagrosa, que, com as suas, tantas lágrimas enxuga!...

É na Ermida do Espinheiro, apazível lugar da Serra da Estrêla, a mais de meia serra, num monte que domina uma encantadora várzea, donde se disfruta um panorama grandioso, multicolor, que todos os anos se realiza uma Romaria que, não tendo o condão de despertar os seus visinhos de Aldeia da Serra e os do Sabugueiro, traz de longes terras, piedosos romeiros, que, nas suas aflições, à Senhora recorrem.

A vila de Seia faz-se representar galhardamente e é ela que faz a festa. Música, foguetes, danças e merendas, os penedos vivem naquele dia de Setembro, quasi sempre de sol e repercutem ecos de alegria beirã.

Há missa a grande instrumental e a seguir a procissão, com as suas fogaças, dos devotos da Póvoa Velha, os poucos que não esquecem a tradição Daquela que bem de perto vigia os seus Lares. Vem primeiro o pendão vermelho e alto, a Cruz e logo a seguir o «Capitãozinho», depois o pálio, a música e muito povo.

— «Viva o nosso Capitãozinho...!» — «Viva!»

De quando em vez se ouve este grito de entusiasmo, que é solto pelo mulherio.

Este pequeno oficial, fardado de Capitão General antigo, todo agalado, de chapéu armado e de botas de montar, é nada menos que um Menino Jesus, supersticiosamente adorado pelo povo. De Mundo na palma da mão, de espadim à cinta, lá vai no seu andor com todo o ar marcial a figura mais interessante do cortejo.

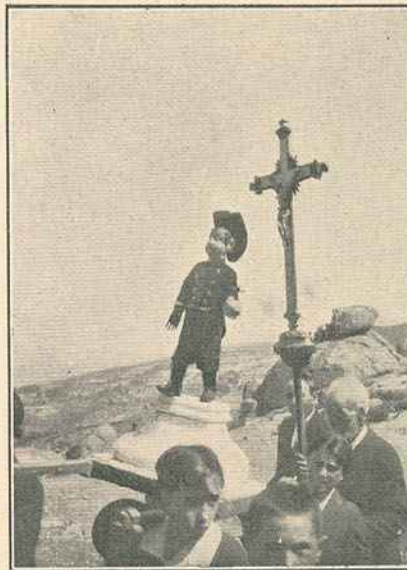
Filiar na imaginação do povo, na crença rústica dos serranos tal idea, sem a poder-mos tirar dum facto concreto ou duma lenda, era impossível. Nem os mais velhos homens sabem explicar a razão militar do Salvador do Mundo, arvorado em condutor dos exércitos de Portugal, pois já o cá encontraram e os seus avós nunca lha souberam explicar.

A lenda não era difícil de architectar e assim, um dia, pelo Natal, estas terras foram atacadas pela mourama do Crescente, quasi súbitamente. Estes povos aguerridos viram-se perdidos e invocaram o Menino Jesus e este apareceu com um exército de anjos para exterminar os inimigos. Todos o viram e o Crescente eclipsou-se, derro-

tado. Porém, não é assim. Ele é nem mais nem menos que o Menino Jesus da Tia Baptista. Soror Baptista do Céu Custódia, viveu no convento da Madre de Deus de Vinhó, tendo como companheira de grandes virtudes Sórora Maria de Jesus de Seia. Ora a Tia Baptista, como lhe chama o povo, era uma freira de extremada caridade que morreu com fama de Santa.

Na sua Capela de Vinhó celebrava-se anos atrás uma importante festa em sua honra.

Esta freira ingénua e crente, tinha uma predilecção especial por uma imagem do Menino Jesus e a sua fantasia levava-a a vesti-la com os trajes que lhe pareciam mais próprios à grandeza do seu Menino. Como um dia tivesse visto um Oficial General, dias depois, com aplauso do povo,



era o seu Menino colocado no trono, entre mil velas, fardado de chefe supremo dos exércitos. Houve na Igreja do Mosteiro um ah! de admiração e a idea da Tia Baptista disseminou-se pelos povos visinhos com entusiasmo crescente.

Creio ser esta a origem do Capitãozinho da Senhora do Espinheiro.

Vinhó fica a alguns quilómetros de Seia, não muitos, e assim, ou por meio do povo, que ali ia contemplar embevecido o Menino ou em virtude da freira nossa contrãnea, nos veio de lá o filho do Carpinteiro de Nazaré, arvorado em Marechal dos Exércitos.

Assim nos fôsse possível explicar o motivo porque é que S. José nos aparecia nesta mesma Ermida com o burguês colarinho de bicos!

«Senhora do Pranto» — que de lágrimas

vertidas pelos desvarios da humanidade!

«Senhora da Piedade» — que de melancolia no vosso rosto macerado pela dor!

«Senhora de ao pé da Cruz» — recordando as horas alanceantes do Golgota!

«Senhora do Espinheiro» — Santa em que nós, rudes serranos, tanto cremos, protegei os nossos lares, os nossos rebanhos!

Deve ser assim a ladainha dos que acompanhavam o mártir que fôra centurião dos romanos e que subia lá para o planalto, a saudar a Virgem do Espinheiro.

A aldeia da Póvoa, graciosa, no seu outeiro verde de castanheiros e, sempre que Junho mostra o sol forte, a mais de meio mês, acorda garrida e alegre, arranja o Santo, e, de pendão à frente, a procissão vermelha de opas, com as fogaceiras, de cruz alçada, sob aquela abóbada de azul de Deus, trepa os caminhos, logo se perde atrás das fragas, ora aparece, saindo dos barrancos, sempre piedosamente as preces sobem para o céu como o incenso perfumado.

— Livrai-nos da peste, grande mártir da fé, e da fome, e da guerra, pelas frechas que atravessaram o vosso corpo!

Já o largo está coalhado de romeiros, já as merendas se estendem à sombra das carvalhas predilectas da santa, porque é lenda que a Virgem ali fôra encontrada sobre um espinheiro e que, quando pretenderam dar-lhe guarida em lugar diferente, ela milagrosamente se furtou, voltando, durante a noite, para o seu monte escolhido. E nem uma peça de ferramenta lá ficava. Os anjos, aos seus seráficos ombros, se encarregavam de a transportar. E assim foi acontecendo, até que os operários se aperceberam da indicação divina o que até ali lhes parecia caso de bruxaria e, desde que lhes foi dado penetrar o sobrenatural, lá edificaram a ermida que a Póvoa Velha tanto estima.

Noutros tempos, em que a alma popular era mais simplista, a romaria da Senhora do Espinheiro era uma manifestação de bairro, cada um, pelo seu andor que enfeitava de panos garridos, flores artificiais, com globos azulados e por entre o barulhar da música, numa emulação pueril, gritavam os da Póvoa Velha:

— Viva o nosso S. Sebastião!

— Viva S. Tomé! — esgançavam-se as mulheres de Aldeia. — Viva o grande Apóstolo!

Mas a maioria era pelo Capitãozinho. S. José, o popular Santo dos carpinteiros, não se zangava; bastava-lhe o lustroso colarinho de bicos e o amor pelo filho. A Virgem ia abençoando e chorando.

RUI DE ALVA.

UM ARTISTA PORTUGUÊS NA AMÉRICA DO NORTE

O génio da Aventura, que nos séculos XV e XVI nos levou a cruzar os oceanos, em busca dos continentes desconhecidos, ainda hoje é característico da raça. A massa migradora, que abandona os campos em procura dum sorriso da fortuna, não é, porém, como poderia julgar-se, a detentora desse espírito da Aventura, porque, apagadamente, obscuramente, não é mais do que o braço, confundido entre os mil braços, que vai tornar fecunda a terra alheia.

O português que sufoca no seu ambiente nativo e que busca em meios mais desafiados a livre expansão das suas faculdades criadoras e o estimulante acolhimento ao seu trabalho é que representa esse espírito de «querer mais e maior» para si e para a sua terra, que nunca esquece.

O Alpedrinha, em quem Eça de Queirós fixou, na *Relíquia*, simbolicamente, a índole aventureira da raça, é o português que pousa às esquinas, quer esteja em Smirna quer em Lisboa, que a tudo se sujeita, no cumprimento do anátema que o condenou, tristemente, a «carregar fardos alheios». É o representante simbólico dessa corrente de ansiedade, que nos domina, de mudar de terra para mudar de fortuna mas não sintetisa, felizmente, para nós, todos os portugueses que trocam por outro o seu país.

A América do Norte, vasto campo de actividade, onde se não cura de saber da naturalidade de cada um para lhe premiar o trabalho e o mérito, é desde há muito o terreno fecundo em que prospera a actividade de alguns milhares de portugueses.

Um estimulante exemplo se colhe na brilhante carreira artística que nos E. U. A. tem feito o distinto artista, nosso compatriota, sr. J. J. Leite, que actualmente se encontra em Portugal, vindo daquele país.

J. J. Leite é o que na América se chama um «advertising man», ou seja «perito de publicidade». Cursos, com brilho e aproveitamento, a famosa escola de Nova York «National Academy Design», mas a educação clássica que esta escola imprime não impediu o artista de se adaptar às correntes modernistas, servindo-lhe, todavia, sa-



O-pintor J. J. Leite

lutarmente, para lhe evitar o escolho das fantasias e absurdos do chamado «futurismo».

O sr. J. J. Leite, como acontece a todos os artistas nos meios em que a competência é grande, foi obrigado a criar o seu «género» e a especializar-se. Dedicando-se à publicidade, o artista português, concebe e trabalha em adaptação perfeita aos assuntos a interpretar e nesta conformidade procedendo criou, pode dizer-se, uma teoria nova sobre as cores complementares e a interpretação da natureza e da vida.

Sobre arte e publicidade, indispensável aliança no género a que o sr. Leite se dedica, é interessante arquivar a opinião do sr. J. J. Leite, que nos disse:

«A arte nos Estados Unidos, ao contrário do que se crê em muitos países europeus, especialmente latinos, está mais avançada, numa forma geral, que em qualquer outro país. Tal avanço é devido à grande prosperidade das indústrias e

comércio e com ela ao desenvolvimento de publicações de todos os géneros, dando assim ocasião a que se desenvolvam artistas e que estes se especializem, chegando muitos a produzir trabalhos que são verdadeiras maravilhas. Quando me refiro a arte aplicada não quero dizer simplesmente «arte comercial» da forma que seria interpretada por muitos, pois, pelo menos na América, a «arte aplicada ou comercial» abrange todos os ramos, desde um simples desenho de uma caixa para um anúncio de sapataria, até à pintura puramente clássica.»

A capa do presente número da *Ilustração* é da autoria do sr. J. J. Leite, que tenciona brevemente abrir, em Lisboa, uma exposição de trabalhos seus, que deve suscitar o mais vivo interesse.

Essa exposição tem por principal objectivo a demonstração da eficácia da arte aplicada à publicidade, interessando portanto artistas e homens de negócio.

O TELEFONE AUTOMÁTICO

Nas grandes cidades, o serviço público dos telefones tem apresentado muitas deficiências, que crescem na medida em que aumenta o número de assinantes e em que, pela intensidade progressiva da vida moderna, se torna maior o número de comunicações pedidas. A solução para estas dificuldades consiste em substituir o telefone manual, de que nos temos servido, pelo telefone automático; mas essa substituição só pode fazer-se lentamente, desde que se não queira interromper o serviço nem aumentar desmedida e inútilmente as despesas. Nova-York assim tem procedido, trocando, pouco a pouco, as meninas do telefone por aparelhos mecânicos. Hoje, de entre os seus 1.200.000 assinantes, tem já uma terça parte com serviço de telefone automático, tendo equipadas para esse fim 25 estações.

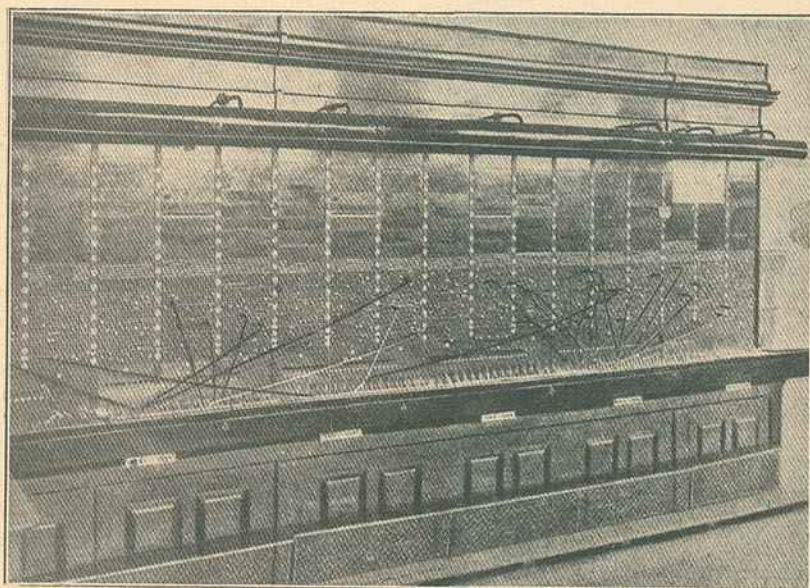
Sabe-se como funcionam presentemente os telefones nas grandes cidades. As linhas não se centralizam, todas elas, numa só estação. Para facilitar o serviço e economizar fio, há várias estações, conforme a área e população da cidade, comunicando essas estações, umas com outras, por linhas auxiliares. Deste modo, há que considerar duas espécies de serviço a que correspondem duas classes de empregados: uma destas compreende as meninas que estão em contacto com o assinante e recebem o seu pedido de ligação; à outra pertencem as meninas que fazem a transmissão do pedido, da estação em que ele se recebeu à outra a que se liga o assinante cuja comunicação se pretende obter.

Quando há enganos, o assinante nervoso nem sempre tem razão em se zangar com a menina que o atendeu; possivelmente não será esta a culpada, mas sim a outra menina encarregada da transmissão de uma estação para a outra. E muitas vezes nem uma nem outra serão culpadas, mas somente o assinante, pouco prático em serviço de telefonista. Essa falta de prática exige que as estações tenham um número

de empregadas a comunicar com o público três vezes maior que o número das que trabalham nas linhas auxiliares. Uns assinantes são pouco práticos, outros de génio impetuoso, outros excessivamente explicativos, e, em geral, não tem presente

nas coisas que tem tão grande importância na vida feminina. Nessas ocasiões de trabalho intenso, cada telefonista tem que manobrar com muitos fios. Uma confusão sua, um movimento errado, podem cortar uma comunicação já estabelecida, descontentando dois assinantes, ou enxertar-lhes um outro na conversa, com o que ficam fúlos todos três.

No telefone automático não há esses



Telefone manual mostrando várias combinações de linhas que têm de realizar-se conforme os pedidos de ligação

aquela máxima inglesa de que o tempo é dinheiro.

Depois, se há horas de relativo descanso no serviço das telefonistas, há outras em que as chamadas se acumulam. São as da tarde nos bairros comerciais, contribuindo para complicar o serviço as comunicações pedidas pelas senhoras, depois do almoço, para encomendas, para combinações sobre o que hão de fazer no resto do dia ou à noite, enfim para todas aquelas pequeni-

possíveis enganos. Não há meninas, portanto nem distrações, nem fadigas, nem má disposição eventual. O cliente não tem que zangar-se, nem pode cortejar quem só conhece pela voz. Nem o seu pedido de transmissão é feito oralmente, mas sim pelo movimento que imprime a um disco, primeiramente designando a estação, conforme as iniciais marcadas nesse disco, depois o número do assinante com quem pretende obter ligação. Fora o caso de desarranjo na engrenagem, e para que o não haja deverá haver vigilância constante de operários especializados, o assinante, em caso de engano, só poderá queixar-se de si próprio.

O pedido de ligação é, portanto, uma mensagem telegráfica. Logo que o cliente toma o receptor, move-se, na estação, um pequeno aparelho, especialmente afecto a essa linha e põe-se em busca de um outro aparelho que esteja vago, denominado selector. Este estabelece a ligação com a linha desejada.

Numa aglomeração urbana que não tenha ainda telefone, o problema é, pois, de solução fácil. Não é assim nas nossas velhas cidades, porque é preciso estabelecer ligações entre os assinantes ainda servidos pelos telefones de movimento manual e os que já possuem telefones automáticos. Nem a menina é autómato como um selector, nem este ouve a voz da menina. Essas ligações exigem aparelhos complicados manobrados por pessoal especializado.



Aparelho especial permitindo passar as comunicações de um sector de telefone automático para um sector de telefone manual

LIVROS E ESCRITORES

Sempre que os códigos lhe permitem sueto, o sr. dr. Mário Monteiro aparta a sua pena e corre a aplicá-la em labores literários, alguns de saliente valor. A poesia e o teatro são, porém, os favoritos do

seu espírito, sendo já bastantes os seus livros de versos publicados e em número muito elevado as suas peças subidas à scena, sobretudo em palcos brasileiros, onde o autor demorou largos anos.

É precisamente d'este segundo género o trabalho seu

a que hoje nós referimos: uma ligeira comédia em um acto, aquilo a que os franceses chamam um *lever de rideau*, desenvolvido sobre um motivo delicado e esquivo às labirínticas psicologias, tantas vezes inumanas, que são o *pivot* do teatro moderno. Nesta pequenina obra, intitulada *Perfumes e Rendas*, o poeta tutelou o comediógrafo, pois o que mais impressiona nela é o encanto da sua linguagem rimada. Engalana o átrio do volume um prefácio do sr. Goulart de Andrade, illustre académico brasileiro.

Os livros, bons ou maus, encontram a principal recomendação em si próprios, pelo que são ociosas as estiradas notícias críticas, temperadas as mais das vezes com elogios à *contre-cœur*. Por isso prefero a nossa revista mencionar com sobriedade cada um d'elles, definindo em duas palavras o seu carácter e também, quanto possível, o seu mérito:

Durante a Guerra, colectânea de artigos subscrita pelo sr. Eduardo Moreira e sub-intitulada *Últimos ecos duma campanha económica*, fornece uma boa porção de conselhos e receitas para ordenar a vida com poupança. Muita dona de casa e também muito homem d'este nosso tempo tão dado a desperdícios e excessos deveriam ler este livro, que é proveitoso. *D. Sebastião — Rei e Mártir*, pequeno opúsculo do sr. dr. Carlos de Passos, é um comentário crítico ao livro *D. Sebastião* do sr. Antero de Figueiredo. Há desassombro de opiniões e vivacidade de argumentos nessas notas. *Cantares de S. João*, versos de Paulo Varandas e Leitão Figueiredo. Equivalem-se os autores no desembaraço com que burlam a trova ao geito popular. As gargantas frescas das raparigas devem apossar-se dessas redondilhas feitas com sentido nelas. No departamento da oratória, merecem registo os seguintes trabalhos: *Manuel Bento de Sousa*, do sr. dr. Luís Guerreiro, que em palavra elegante e com conceitos muito elevados traçou um perfil daquele eminente professor de medicina e espírito de escol; *A Trilogia da Alma Portuguesa* (Heroicidade, Amor, Saudade), do

Os estudos do folclorismo nacional teem-se intensificado nos tempos últimos, devido aos esforços duma activa legião de investigadores e artistas, — pois para isso não basta a erudição, sendo também necessário que o senso estético a acompanhe. É bom dizer que o completo inventário dos usos e costumes, cantos e melodias, danças e trajes, etc., peculiares das diversas regiões do nosso país, se torna cada vez mais urgente, dada a cotidiana decadência e até abolição dessas particularidades regionalistas, pela influência da civilização urbana que, de rasoura em punho, vai nivelando e uniformizando tudo, sem respeitar tradições e mesmo por vezes sem respeitar fronteiras. Naquela bemfazeja milícia veio há pouco alistar-se o sr. dr. Jaime Lopes Dias e, com tal fervor, que logo dentro dela atingiu patente elevada: a sua obra em dois volumes, *Etnografia da Beira*, representa uma valiosíssima contribuição para o conhecimento do carácter daquela provincia portuguesa, sem dúvida uma das mais ricas em velharias e privativas usanças.

Henrique Marques Júnior, assim como se não gaba da descoberta da pólvora e outras coisas mais, também não requere diploma de criador da literatura infantil em Portugal. Todavia, justo é recensá-lo no número dos mais antigos cultores do género e atribuir-lhe não pequeno impulso na sua difusão entre nós. Ainda alguns dos que hoje cantam de poleiro sugavam o leite materno ou, quando muito, soletravam seu *b-a-ba* nas mestras, já éle forrageava aqui e além narrativas históricas e morais, fábulas e apólogos, lendas e tradições, traduzindo-as, adaptando-as, coligindo-as em livrinhos de apreciável leitura. Em Natais ou Páscoas, ou, melhor, em tôda a roda do ano, podem sempre as crianças contar com novos mimos d'este seu velho amigo: agora devem ellas agradecer-lhe os volumes *O príncipe sapo* e *No país de encantos*, cada um dos quais apresenta um bom punhado de historietas educativas e exuberantes de imaginação.

rim, páginas cheias de aspirações patrióticas; *Crónicas e notas de viagem*, que oferecem a novidade de trazerem uma desenvolvida secção de anúncios, coisa prática mas pouco estética; e *O problema dos tabacos*, série de comentários sobre o momentoso assunto produzidos pelo sr. engenheiro José Luis Supico com inteligência. Num pequeno folheto o sr. capitão José Brandão diz-nos o que julga da batalha conhecida pelo 9 de Abril. *Portugal no Brasil* é um valioso trabalho do sr. Pedro Muralha, em que se exaltam as qualidades colonizadoras do povo português. Cognominá-lo de patriótico é da mais elementar justiça. *Soluçando e Sorrindo* é um voluminho de versos assinados por uma senhora, D. Maria da Assunção da Silva: lendo-os, sentimo-nos inclinados a parafrasear uma conhecidíssima anedota, em que um autor de fama, recebendo um estreante que lhe ia ler dois trabalhos, ao acabar de ouvir o primeiro, logo assegurou que o outro era melhor... Os versos que a autora do *Soluçando e Sorrindo* há-de vir a escrever serão, pela certa, melhores do que estes. Também não podemos cobrir de louvores o último livro, um romance, *Dever Sagrado*, do sr. João Amaral Júnior: a linguagem falece-lhe maleabilidade e côr, e na construção do enredo o autor vagueia por assuntos que frágil nexo apresentam com o tema da obra. Dêste modo é muito difícil ser como aquele crítico de que nos fala Émile Faguet, crítico sempre pronto a admirar e a gritar tôdas as manhãs ao mundo o encontro duma nova maravilha literária.

sr. dr. Pedro Fazenda, que é uma boa peça literária; e *A Evolução Económica e a Crise Social*, do sr. Francisco António Corrêa, verdadeira autoridade nestes assuntos. Compilações de artigos: *A Questão Nacional*, do sr. dr. Carlos de Amo-



Agosto, 15-1926

Deixo Rotterdam às 11 horas ao to-

mar em Hofplein o comboio eléctrico que me há de conduzir a Scheveningen, a praia aristocrática da Holanda. Depois do deslumbramento de Rotterdam, com o seu porto colossal — assombrosa floresta de mastros, inextricável labirinto de molhes e entrepostos, com os seus sete canais onde podem estacionar os maiores transatlânticos, com os seus 55 quilómetros de cais acostáveis e com os seus guindastes flutuantes — não espero ver nada que mais profundamente me surpreenda, maravilhe e emocione. O próprio Rembrandt, com quem sonhei, quasi continuamente, durante os cinco dias e meio de arrastada viagem marítima, entre céu e mar, não creio já que possa suscitar na minha sensibilidade um frémito mais forte. Scheveningen é, com Ostende, a estação balnear mais elegantemente freqüentada do mar do Norte, — o «rendez-vous» da aristocracia holandesa. Assim reza o guia ilustrado da Hachette que, tanto um como outro, os meus dois companheiros de viagem vão sorvendo no antegosto do que dentro de meia hora, numa correria através de prados e bosques, seus olhos luzidios e gulosos vão ter o deleite de apreciar. Dum lado e doutro as mesmas vaquinhas brancas e pretas, que, em sua imobilidade chegam a dar-nos a ilusão de que foram colocadas sobre o fresco verde das pastagens sem fim para, com a figuração scénica dos molinhos, não permitirem o desencanto do turista dando-lhe sempre a visão daquela Holanda a um tempo pitoresca e nostál-

SCHEVENINGUEN

A PRAIA ELEGANTE DA HOLANDA

gica dos quadrinhos de Potter e Ruysdael.

Mas que poderia Scheveningen oferecer de inédito, de curioso, de sensacional à minha receptividade de peninsular, oriundo dum país cuja paisagem condensa toda a gama das formosuras — a montanha, a planície e a praia? Só uma coisa me não deixa acompanhar com indiferença, no seu entusiasmo por Scheveningen, os meus companheiros de viagem: a ideia de que ali, finalmente, irei ver, em flagrante — exacta e nua — a mulher holandesa, de que até então pudera lóbrigar alguns exemplares entroxados em «waterproofs». E foi com este filé preciso e nítido que saltei do comboio na estação de Scheveningen e, atravessando o *boulevard*, a abraçar num relance a perspectiva colossal do *Kurhaus* e dos grandes hotéis erguidos frente ao oceano, me dirigi para a bilheteira, numa bicha de cavalheiros de calça branca, penetrando na praia coalhada de guaritas, salpicada de vestidos vermelhos e verde ervilha, chilreante de petizada ruiva, com suas barracas rodadas puxadas por cavalórios, com os seus guardas de pantalonas escarlates, busina em punho, tudo sob um céu azul-gris e diante dum mar cinzento e triste, cuja longínqua neblina não conseguia dissipar o alarido

que vinha da água onde homens, mulheres e crianças, puxa d a q u i

puxa dali, riam e brincavam numa confusão de fatos às riscas e de tons róseos de seios e de braços...

Olho à roda. Observo. Ninguém se detem a olhar-nos. O próprio França, que, com o seu rosto moreno, o seu monôculo e a sua *badine* de janota tanto chamara a atenção do mulherio nas ruas de Rotterdam, não faz ali nenhum sucesso. Vejo a côr do céu, dum azul que a custo se deixa entrever no algodoadado das núbens, os palácios brutais, geométricos, de que unicamente a mancha vermelha e verde dos jardins fronteiros atenua um quasi nada a enormidade desgraciosa... E os meus olhos vão de rôjo pelo areal fino, dum doirado doce, imaculado, sem pedras, nem farrapos de sargaços, em busca dos rochedos e das arribas que o chiquismo das praias prescreve como uma manifestação *schocking* da natureza, mas sem as quais uma praia me dá a impressão desagradável dum pescoço de mulher-rapado à navalha... Scheveningen não é uma praia muito kongra, mas a sua extensão chega bem para que os banhistas e a multidão *smart* que os rodeia não tenham de roçar sequer pelos pescadores que lá em baixo, no velho bairro, fazem isoladamente de todo o bulício a sua vida humilde de trabalhadores desse tormentoso mar do Norte, seu inimigo familiar, com que o holandês luta todos os dias, há uns poucos de séculos, aqui detendo-o, acolá repelindo-o, além fazendo-o colaborar pela fertilidade dos *polders* na riqueza

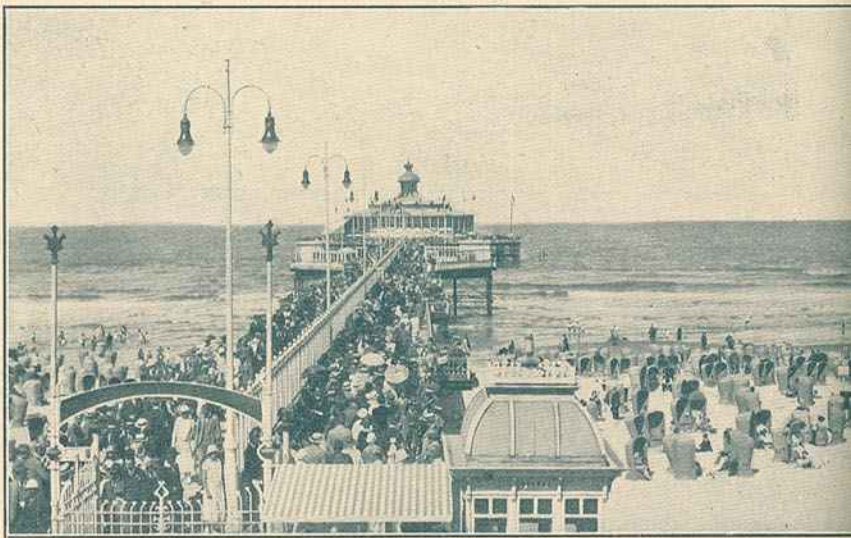


Alguns banhistas recolhem às suas barracas

dum povo que teve de arrancar aos vagalhões a terra onde se aninham as suas povoações, as campinas onde ruminam as suas vacas e os bosques onde vicejam árvores de exóticas paragens... Quem conheça as nossas praias, a formidável Figueira da Foz, as léguas de areia da Caparica e essa fantástica Praia da Rocha — que dir-se-ia pintada por Manini — pode sorrir sem pedantaria desta famosa Scheveningen, no tocante aos dons da Natureza, que são precários. O que ali assombra é a perfeição com que a industrialização do banhismo está montada, desde os hotéis com o seu liso jardim fronteiro às barracas onde se alugam os lençóis e as toalhas de fêlpo, sem esquecer a esplendorosa rotunda em pleno mar, que de noite se corôa de lâmpadas, e, dentro da qual, a alegria esfusua tão alacremenente às mesas que só algum melancólico incurável terá ali a lembrança de mergulhar os olhos na solidão do mar que se move perpétuamente em seu redor, tenebroso e insondável como o ignoto sofrimento com que se alindam mais ou menos em tôda a parte, extraindo do sangue dos pobres milagres de conforto, estes lugares onde os milionários veem, em holocausto ao transformismo da matéria, dissipar os milhões amealhados...

Os guardas das pantalonas escarlates, de busina em punho, regulam o movimento da praia não permitindo que as pessoas que se encontram na água excedam um certo número. A cem ou duzentos metros uns barcos delimitam a zona assinalada aos banhistas e asseguram o salvamento do nadador imperito ou do banhista temerário que se veja em risco. Há, além

disto, três zonas: para mulheres, — só lá vi duas, atirando água à cara uma da outra, com tal entusiasmo que os seios pulavam-lhes do maillot; a zona dos homens — deserta; e a zona mixta — naturalmente repleta. Ponho-me a reparar em tudo



Um «bar» em pleno oceano

atentamente. Um cavalheiro esgalgado, em fato de banho, passeia na praia, tomando o seu banho de sol, grave, muito grave, de monóculo encaixado e seguro por uma fita que lhe passa sobre a orelha... Uma mulher fenomenal de obesi-

dade, verdadeira montanha de carne e xúndia, sai da água devagar, fatigada, pernas abertas, com sinais de varizes nas pantorrilhas tão vermelhuças como os braços, o colo e as bochechas patafaçadas. Mas um retinir de garrafas lhadadas faz-me voltar e, pela primeira vez, a mulher holandesa no esplendor das formas bem construídas, aparece diante de nós: são três raparigas loiras, côm de rosto quase nuas, que saltam, correm, brincam com dois rapazes que trazem já os fatos molhados colados aos corpos atléticos. Outras irrompem da água. Mais varizes. Porque será? E entretanto o Fidelino, perna cruzada, conversa já muito chegado, muito risonho com aquela alta de possantes quadris que uma, duas, três vezes entrara na água para vir sentar-se na areia com um garotito de cabelos côm manteiga. Uma mulher admirável surdo do mar e ergue os braços nus nus adeus para as águas onde ainda estridendo o folgado duns retardatários de ambos os sexos. Dir-se-ia uma estátua. Passa

E o seu corpo de amazona tem na forma pura das linhas poderosas uma harmonia radiosa e sensual. Parece fugida duma tela antiga... O pincel de Rubens copiou-lhe por certo as curvas e impregnou-se do resado da epiderme. Agora, sim. Agora creio nas mulheres dos pintores flamengos e dos retratistas holandeses. A bela mulher vai subindo lentamente o declive da praia. Já percebeu que a estamos admirando. Viu, com toda a certeza, estes olhos devoradores com que só dos Pirineus para cima os homens miram e remiram uma mulher que os impressiona. E um sorriso leve ficou nos seus lábios vermelhos, vermelho sem rouge, vermelhos como Deus os fez.

Olho outra vez o céu macabúzio, o mar tristonho. E no meu olhar passa uma saudade, — saudade do azul, saudade das velas brancas, saudade de Portugal...

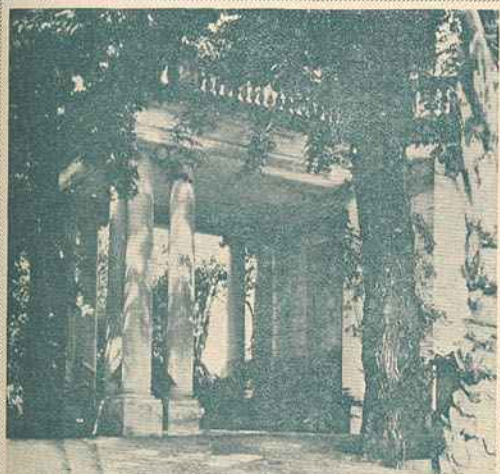
Nestas paragens o português há de ser sempre um exilado. O exílio dói sempre.



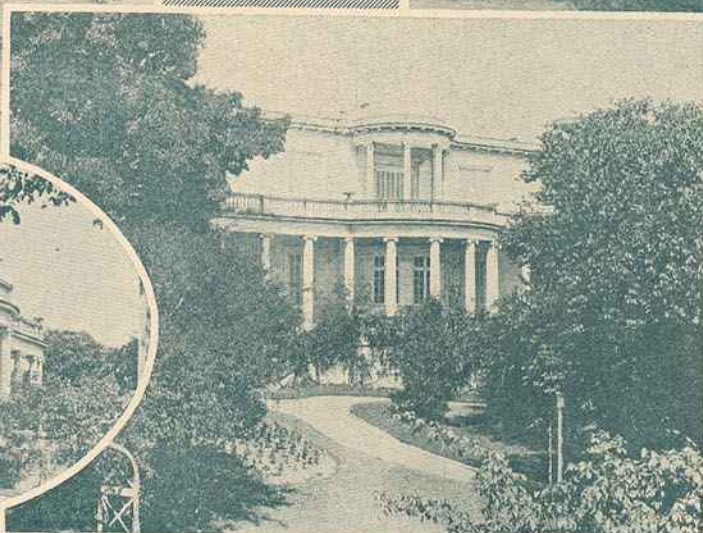
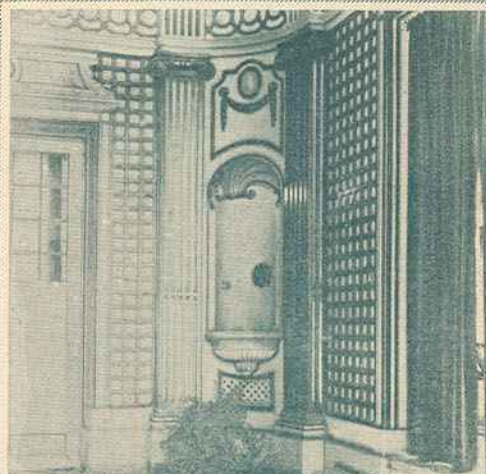
O Kurhaus e os grandes hotéis vistos à noite

A CASA PORTUGUESA

CASA EM LISBOA

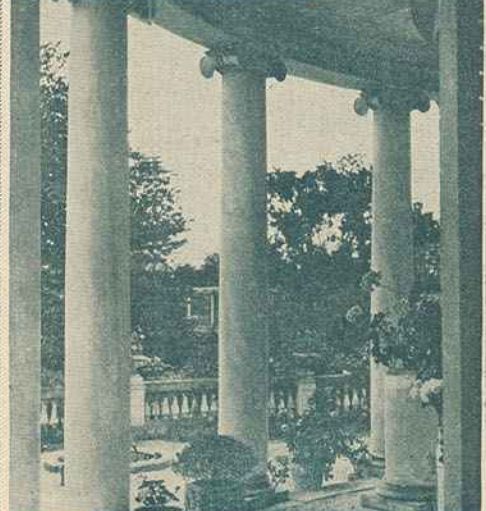
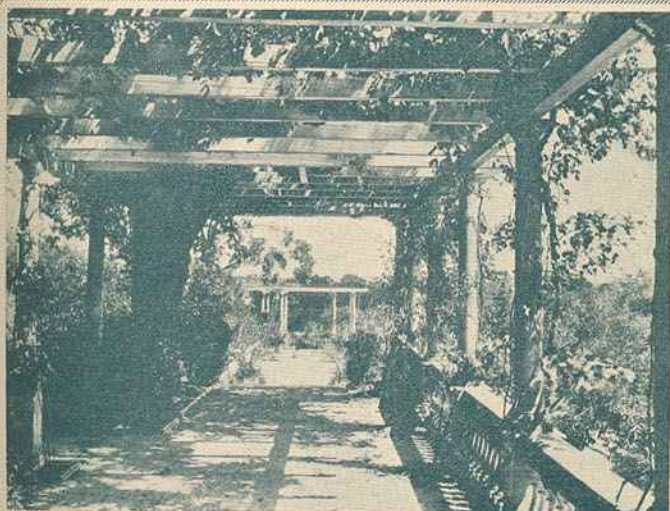
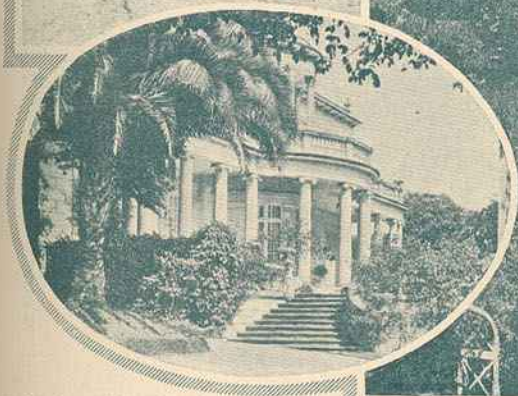


SEM NADA TER QUE A CARACTERIZE ESPECIALMENTE COMO PORTUGUESA, ESTA CASA — MANDADA FAZER PELO FALECIDO SR. JOSÉ PINTO LEITÃO — É BEM MERIDIONAL NO SEU ASPECTO EXTERIOR E FOI PLANEADA COM NOTÁVEL COMPREensão DOS EFEITOS PITORESCOS DO LOCAL E COM LOUVÁVEL RESPEITO POR ALGUMAS VENERANDAS ÁRVORES QUE JÁ ALI EXISTIAM INTERIORMENTE É DELINEADA COM SÚMPTUOSIDADE, COMO SE PODE JULGAR PELO TRECHO



DO ÁTRIO DA SALA DE JANTAR QUE AQUI PUBLICAMOS SERVE ESTA CASA HOJE DE MORADIA AO SR. ERNESTO DE SEIXAS

ARQUITECTO:
NICOLA BIGAGLIA.





Tom, aninho, pergunto-lhe qual era a novidade...



Cinematografia



intitula *Um novo Don Juan*, produção da Fox Film, para o n.º de Tom Mix tem trabalhado sempre.

O velho fazendeiro John Hunt, morre, deixando

Um dos artistas que mais rapidamente conquistou todos os públicos do globo, impondo-se-lhe duradouramente, foi o americano Tom Mix, o «saz» dos artistas que se dedicam ao popularíssimo género de aventuras, personificando os heróis das planícies americanas, os intrépidos «Vaqueiros». Tom Mix, o seu formidável cavalo «Malacra» e o seu cão inteligentíssimo que dá pelo nome de «Leal», formam uma trindade popularíssima, aparecendo incessantemente, entre clamorosos aplausos, em todos os ecrãs do mundo. Um dos seus filmes mais curiosos é o que se

uma carta em que pede ao capitão das suas herdades, o vaqueiro Tom Foster, que olhe pela filha, Isabel, que deixa só no mundo e com a herança comprometida por enormes hipotecas. Depois do passamento do velho, uma irmã, que vivia em Nova York, vem buscar a sobrinha para a levar a conhecer os esplendores da civilização. Isabel e Tom, que se amam, separam-se dolorosamente e o bom e leal vaqueiro enceta, na ausência da linda órfã, o trabalho insano de lhe resgatar os bens à voragem dos credores.

Passam anos. Tom Foster consegue a

remissão das hipotecas e transforma a estância agrícola e pecuária, de tal forma, que cria novas riquezas para a linda rapariga para quem vai toda a sua paixão esboçada pela sua invencível timidez.

Um dia, porém, vem um telegrama de Isabel. Anuncia a sua chegada e que traz «uma grande novidade». Quando Tom, depois da recepção festiva à proprietária do rancho, lhe pergunta qual é a novidade que tem a dar-lhe, esta responde-lhe: «Apresentar a todos o meu noivo!» e apresenta, com efeito, um janota adamoado que a perseguiu com os seus galanteios no meio elegante em que viveu e que, à força de atrevimento logrou alcançar o seu bemplácito. Tom, louco de dor e de ciúme, toma a decisão de abandonar para sempre aquelas paragens onde foi tão infeliz, mas um velho vaqueiro, Mack, filósofo bondoso e risonho, lembra-lhe que o seu defeito principal é a falta de audácia para com as mulheres. De conselho em conselho, Mack lê a Tom o seu livro predilecto, o célebre *Don Juan Tenório* e incita-o a proceder com Isabel à semelhança do audacioso espanhol nas suas conquistas, fazendo-lhe passar

to grafia

ante os olhos deslumbrados a epopeia de brilhante audácia do amante de Dona Inês.

Tom Foster decide-se então e a pesar dos obstáculos que o noivo de Isabel, um escroque, lhe ergue no caminho, entra na igreja por ocasião da boda, rapta a noiva e leva-a para longe. A audácia dá-lhe o triunfo. Isabel volta aos seus primeiros amores, confessando-lhe, num beijo, que, no fundo, o não esquecera ainda.

ras acreditadas em Berlim. Entre outros estavam os embaixadores d'Espanha, do Japão, do Afeganistão, da Argentina, da Bélgica e os ministros plenipotenciários da Grécia, Portugal, Peru, Lituânia e da China. A Inglaterra fez-se representar por Mr. Addison e as embaixadas dos Estados Unidos, França e Itália pelos seus adidos comerciais.

A célebre peça de Abel Herman, *Transatlântiques*, vai ser levada ao ecrã por Diamant-Berger, que já obteve um triunfo noutra peça do mesmo dramaturgo, *Rue de la Paix*. Fala-se duma interpretação grandiosa com Sandra Milowanoff, Danielle Parola, Jim Gerald e Albert Préjean.

A «U. F. A.» convidou, para uma visita aos seus estúdios em Neubabelsberg, os representantes de 52 nações estrangei-

Uma recente estatística acusa os seguintes números para ponderar:

Na Alemanha:

3.600 cinemas com total de 1.600.000 lugares e a média diária de espectadores 609.

de 900.000. Preço médio do lugar são 75 pfennings, sendo o rendimento anual dos cinemas de 240 milhões de marcos.

Nos Estados Unidos:

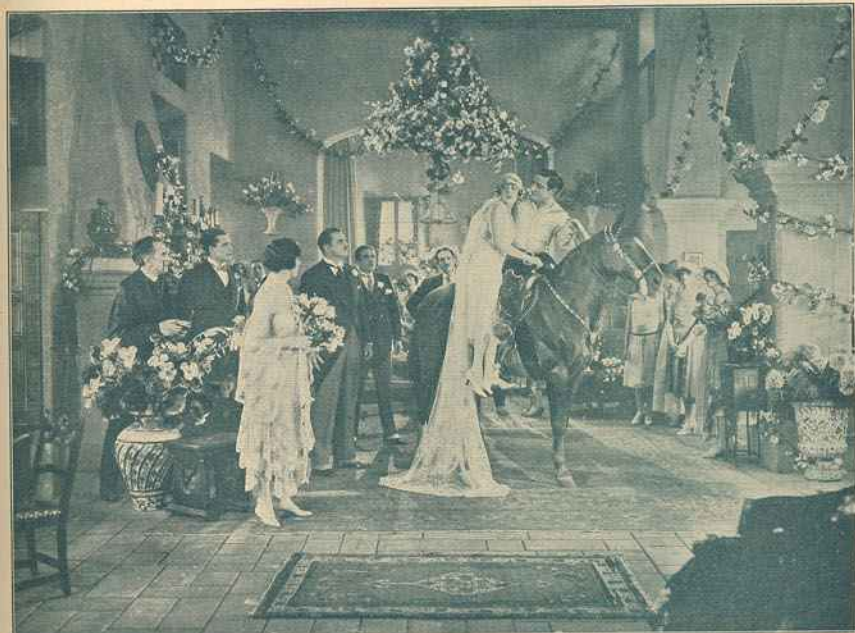
14.700 salas, com total de 7.600.000 lugares ou seja uma média quotidiana de 6.000.000 de espectadores. O preço médio do lugar é equivalente a 1 marco, ou seja um rendimento anual de 3.000.000.000 de marcos.



O vaqueiro Mack, velho filósofo, abre-lhe os olhos...



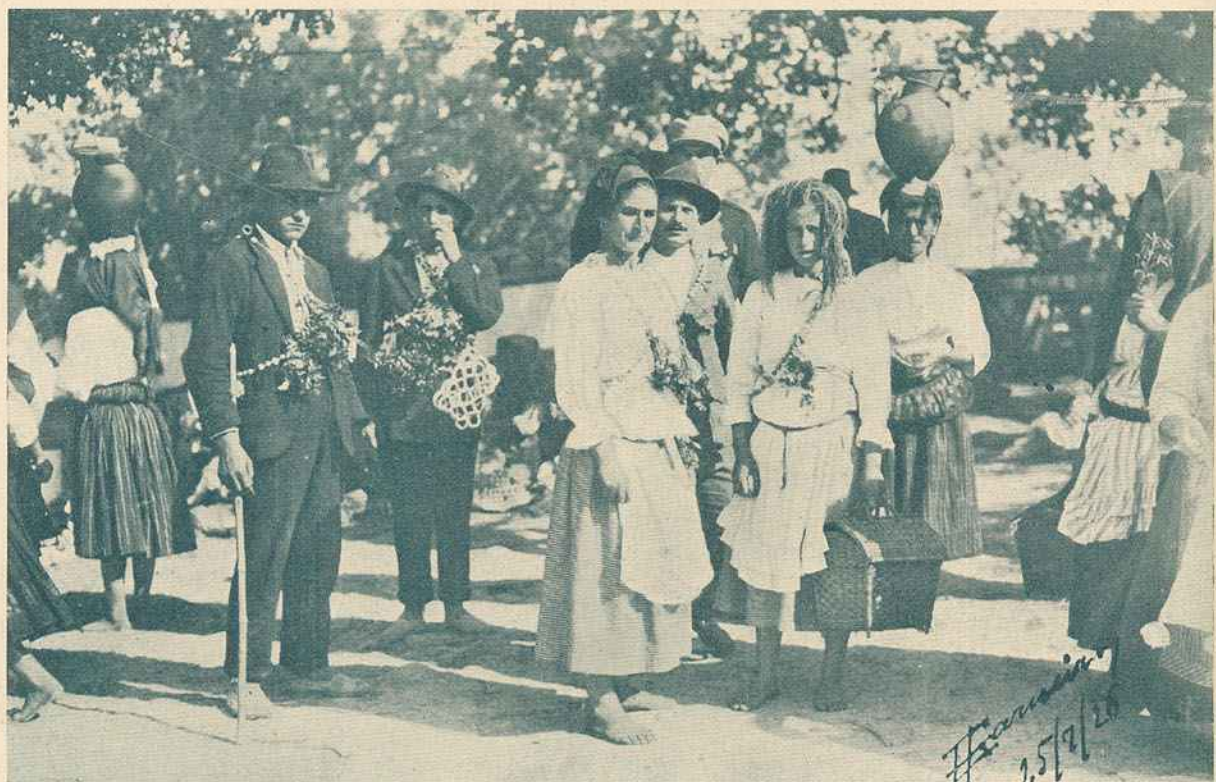
À imitação do bom Tom Foster, no meio daquela sociedade... arqui-mad-ra...



E... como o lealdade Don Juan Tenório, o homem da planície assaz...

ILUSTRAÇÃO

A S R O M A R I A S



SERRELEIS (VIANA DO CASTELO) — DOIS ASPECTOS DA ROMARIA DE S. SILVESTRE, VENDO-SE NA GRAVURA SUPERIOR O IMPRESCINDÍVEL TOCADOR DE HARMÓNIO E NA INFERIOR AS VENDEDEIRAS DE LIMONADAS

FEMININA

AS TOILETTES DE BAILE

Finalmente, surge no campo da moda uma novidade que desperta as atenções gerais e suscita forte celeuma: as saías alongam-se, e, desta vez, o propósito não é apenas teórico... Há muito que as grandes modistas vinham repetindo a tentativa, aliás simpática, de tornar os vestidos mais compridos. Para conseguirem realizar o intento, sem provocarem os protestos indignados das partidárias da saia curta, os criadores de modelos buscaram de preferência, para efectivação de experiências, a elegância requintada e exigente das *toilettes* de grande cerimónia, cujo aspecto aparatoso, imponente e rico, patrocinava, melhor do que qualquer outro género de *toilettes*, a linha indiscutivelmente mais magestosa que os vestidos longos desenhavam.

Foi assim que os artistas de grande renome elegante e as senhoras de maior distinção na primeira sociedade parisiense, principiaram ostentando nas grandes cerimónias *toilettes* cuja orla tocava por vezes o tornozelo. É certo que este brusco alongamento era mais ilusório do que real, visto que se preparava com tecidos transparentes, rendas, tules, *mous-*

selines, os quais excediam por muito a orla bastante curta do respectivo *fourreau*. O efeito da disposição, não era dos mais estéticos, conviremos, porque as pernas movendo-se por detrás duma cortina diáfana, não lucravam em recato, — pelo contrário, tão subtilmente provo-

rico ouu brilhante, o que implicava perda de efeito sumptuoso, — mas sim o alongamento do *fourreau*, para maior realce dos tecidos, franjas de pedrarias ou bordados, e elementos geralmente escolhidos para a composição das *toilettes* de grande aparato.

Assim o olhar se foi habituando a ver os vestidos mais compridos... Faltava, apenas, que os espíritos aferrados aos exageros por vezes inconcebíveis, das saías *curtíssimas*, aceitassem a modificação para os vestidos de ordem prática, como, por excesso de garridice e ambição de efeito magestativo, a aceitara a dentro dos salões banhados de luz e faiscantes de pedrarias.

É o que está sucedendo, segundo no-lo revelam as mais recentes comunicações da alta elegância parisiense. Isto nos convence de que muito brevemente o alongamento racional das saías será um facto aceite e bem acolhido.

Por agora a ideia venceu completamente no âmbito da elegância requintada e luxuosa.

As *toilettes* de grande cerimónia, minhas senhoras, são bastante compridas, roçando frequentemente os tornozelos. E muito comprometido ficará o prestígio de *chic* das senhoras que pretendem caminhar na primeira linha da moda, quando ousem apresentar-se num salão, em ocasião de grande cerimónia, com os joelhos a espreitarem sob a orla do vestido... É que a primeira condição a observar, em assuntos de elegância e mesmo de *coquetterie*, é a observância dum recato inteligente...



cante se tornava o pseudo-velamento... — e a silhueta perdia, sob o ponto de vista estético, por falta de harmonia na disposição geral da *toilette*.

A ideia não era feliz, se a estudarmos sob o critério artístico. Mas visava a chamar a atenção para a necessidade de fazer descer os *fourreaux*... visto que a magestade da linha ficava comprometida com a sua escassez. É bom notar que a falha na harmonia do conjunto, não lembrou o encurtamento das rendas até à altura do *fourreau*, — visto tratar-se de supressão do tecido



PORTUGAL — ARTE E PAISAGEM



TOMAR — O CONVENTO DE CRISTO

PORTUGAL D'ALEM MAR



VILA NOVA DE GAZA — Jardim e edifício da Câmara Municipal desta vila, uma das mais progressivas da Costa Oriental



CIDADE DA PRAIA — Assistência ao baile oferecido pelo governador de Cabo Verde, sr. Coronel Guedes Vaz, no Palácio do Governo, no dia 28 de maio último



O MUNDO PERDIDO

GRANDE ROMANCE DE AVENTURAS

por Conan Doyle



(Continuação do n.º 38)

Homens-macacos, *missinglinks*, (*) eis o que são e prouvera a Deus que os tais «elos que faltam» tivessem continuado a falar. Levantaram o camarada ferido, que sangrava como um porco, e depois sentaram-se em volta de nós. Nunca vi expressão de ferocidade semelhante à que se estampava nesses rostos.

«Os tais homens-macacos eram grandes, do tamanho de homens, mas mais fortes do que eles; sob os tuos das sobrancelhas ruivas, as pupilas eram vitreas e pardas e o seu olhar devorava-nos. O próprio Challenger, que não é assustadíssimo, estava pouco à vontade, sem deixar, de resto, de resistir, de urrar e de fazer esforços heróicos para se levantar.

A celeridade com que se deserojavam os acontecimentos tinha-lhe, julgo eu, dado volta ao miolo, porque rabiava e praguejava como um demente. Se tivesse na sua presença uma dúzia de jornalistas, decerto não teria cometido piores invectivas.

— Mas depois?... — perguntei eu, a-rastado pelo interesse que me despertava o drama que lord John me contava ao ouvido, enquanto com os olhos activos olhava em todas as direcções, apertando com mão firme a carabina.

— Pensei que tinha chegado o nosso fim, mas as coisas tomaram outro rumo. Pusam-se a falar uns com os outros na sua pitoresca linguagem e depois um deles foi collocar-se ao lado de Challenger. O senhor vai rir-se disto, mas — palavra! — dir-se-ia que ambos eram da mesma família. Se não tivesse visto,

não acreditaria. O tal homem-macaco, que era o chefe do bando, parecia uma espécie de Challenger ruivo e possuía, um pouco mais exagerado, tudo o que contribui para a beleza do nosso amigo: corpo atarracado, ombros largos, torso reforçado e sem pescoço. Aquele mesmo olhar que parece dizer: «O que é que você quer? Vá para o diabo!» enfim, todas as características.

«Quando ele se aproximou de Challenger e lhe pôs a mão no ombro, a semelhança entre os dois potentou-se tão flagrante

caram nas armas nem nos demais objectos, por os julgarem prigosos; presumo eu, mas fizeram não baixa sobre todos os videntes que estavam à vista. Sofremos alguma coisa durante o caminho, Summerlee e eu — como o meu fato e a minha pele podem atestar — porque eles levavam-nos através das silvas, o que os não incomodava, porque tem a pele coriácea.

«Challenger teve menos de que queixar-se, porque foi levado sobre os ombros dos homens-macacos, avançando como um imperador romano: por entre a turba.

Mas... o que é isto? Percebemos, a distância, um ruído estranho, semelhante a um repicar de castanholas.

— Ei-los que chegam! — disse lord John, carregando a sua outra «Express» de dois canos.

— Carregue as suas armas, meu rapaz! O senhor parece esquecer que é necessário que nos não apanhem vivos. Este ruído é o que eles costumam fazer quando estão excitados. By George! E terão razão para o estarem se conseguem lançar-nos a mão a nós! Ouve-se algo?

— Muito ao longo.

— Naturalmente assim batendo os bosques, divididos em pequenos grupos; desta ++++ ainda nos não apanharam. Mas, prosseguindo o meu relato, transportaram-nos os homens-macacos para a sua cidade, que consiste numa reunião de cabanas, construídas com galhos e folhagem num grande bosque, distante três ou quatro milhas daqui, quasi à beira do planalto. Estes entes imundos encolheram-me por tal forma, que me parece que nunca mais, depois do seu contacto, conseguirei sentir-me limpo. Amarraram-nos e

por sinal, o cavalheiro que me tomara à sua conta, dava nós como um mestre de bordo, depois do que, estendidos debaixo duma árvore, com os pés mais altos do que a cabeça, ficámos guardados por um grande diabo armado duma moça. Quando digo ficámos, refiro-me a Summerlee e a mim; Challenger, empoleirado numa árvore, estava comendo ananizes e tomando o fresco. Devo dizer que ele arranjou as coisas por forma a passar-nos alguns frutos e que, por suas próprias mãos, alargou os laços que nos tolhiam os movimentos.

«Se o visse, sentado no tronco da árvore, a fazer saudades ao irmão gêmeo; se o tivesse ouvido, com a sua voz de baixo-profundo, entoar a canção *Ring out, wild bells* — porque a música parecia pôr de bom humor os homens-macacos — o senhor ter-se-ia sorrido. Nós é que, como pode supor, não tínhamos vontade de rir, tanto mais que, encurtado pareciam dispostos a deixar Challenger fazer o que entendesse dentro duns certos limites, a nós viagrávamos estreitamente. Sentíamos uma grande consolação por pensarmos que o senhor estava livre e que velava pelos nossos haveres.

«Vou dizer-lhe uma coisa que o vai surpreender. Disse-me que tinha visto certos indícios reveladores da presença do homem, como, por exemplo, fogueiras e armadilhas? Pois bem: nós vimos os próprios indícios, uns pobres homens, cabanos e que não deixavam de ter suas raízes para assim se apresentarem. Segundo parece, esses homens ocupam um lado do planalto — o mais afastado, aquele onde viviam as cavernas — e os homens-macacos ocupam o outro, travando continuamente entre si uma luta feroz.

«Eis o que eu pude verificar. Ontem, os homens-macacos apoderaram-se duma dúzia de homens, que levaram prisioneiros para a sua cidade. Os tais homens eram pequenos, vermelhos de pele e arrastavam-se a custo, tantas doentes e unhas tinham recebido. Mataram dois, a um dos quais arrancaram primeiro um braço. Era ignóbil tal espectáculo. Os dois homens morreram corajosamente, quasi sem um grito. Nós sentiamos-nos mal; Summerlee desmaiou; o próprio Challenger não podia suportar mais. Parece-me que os velhacos agora nos deixam mais tranquilos, não?

«Pusemo-nos à escuta. Só o trilo das aves perturbava o profundo sossego da floresta. Lord John retomou o fio da narração:

«Escapou de boa, meu rapaz! Se não fosse o aprisionamento desses índios, que fez com que os homens-macacos se esquecessem de si, eles não teriam deixado de ir procurá-lo por aí fora, porque o senhor tinha razão quando dizia que desde o primeiro dia da nossa chegada eles nos espreitavam do alto da árvore devendo, portanto, saber que ainda lhes faltava apanhar um de nós. Mas depois não pensaram senão na sua nova pista, a dos índios, e foi assim que, em vez dum grupo de macacos, fui eu quem lhe caí em cima, esta manhã. Que terrível pesadelo, tudo isto, meu Deus! Que aventura! Recordo-se daquele grande macaco de bambus agudos, lá em baixo, no sítio onde encontrámos os restos do americano? Pois fica situado, precisamente por baixo da cidade dos macacos. E

lá de cima que eles precipitam os seus prisioneiros. Se tivéssemos reparado bem para esse sítio, encontraríamos montes de esqueletos. No extremo do planalto há uma espécie de parada, onde os homens-macacos se reúnem, como se se tratasse duma cerimónia. Obrigam, então, os cativos a saltarem, um após outro, da beira do planalto e o interessante da scena consiste para eles em saber se os desgraçados se irão esfacelar no solo ou se ficarão espetados nas hastes dos bambus. Os macacos mostraram-nos isto e toda a tribo se alinhou à beira do abismo. Ah! agora já me não admiro de que o esqueleto desse pobre yankee tivesse bambus atravessando-lhe as costelas! Quatro índios foram forçados a saltar e as pontas agudas dos bambus atravessaram-lhes os corpos, como agulhas de meia atravessariam um pedaço de manteiga. Horrendo espectáculo, mas cheio de abominável interesse, a pesar de tudo! Os nossos olhos fascinados não podiam deixar de olhar no momento do salto. E todavia, sabíamos bem que dentro em pouco chegaria o momento de darmos também o nosso salto mortal.

«Mas não! Eles reservaram seis índios para hoje, segundo o que pude depreender; quanto a nós, creio que nos estavam destinados, na representação, papeis de westerns. Challenger poderia ser poupado, mas Summerlee e eu figurávamos no programa. Os macacos exprimem-se também por sinais e eu seguia, por consequência, com facilidade a sua conversação. A certa altura, pareceu-me que era tempo de me pôr em fuga. Tendo reflectido um momento, esclareci-me sobre uns pontos essenciais. Só podia contar comigo; nada tinha a esperar de Summerlee e de Challenger ainda menos. A única vez que estiveram em contacto, trocaram entre si palavras amargas, por não chegarem a um acordo sobre a classificação científica desses velhacos de pelo ruivo, que, segundo um, representavam o diopithecus de Java e, segundo o outro, o pithecanthus. Mas eu tinha, como disse, esclarecido dois pontos principais do problema da fuga. O primeiro era o seguinte: os entes que nos tinham prisioneiros, tendo uns corpos pesados, assentes sobre pernas curtas e arqueadas, não podiam, em terreno descoberto, lutar em velocidade com um homem, podendo o próprio Challenger dar partido ao mais ágil de entre eles. O segundo ponto era este: eles não sabiam nada de armas de fogo; creio mesmo que não compreenderam como é que aquele a quem eu tinha atraindo, morrera do ferimento, e, portanto, se conseguíssemos rehar as nossas armas tudo se tornava possível.

«Esta manhã, muito cedo, deixei-me de cerimónias: atirei um pontapé ao estômago do meu guarda e larguei numa carreira desordenada para o acampamento, apanhei-o a si, apanhei as armas e pronto!

— Mas os professores? — exclamei, consternado.

— Trata-se agora de os libertar. Eu não podia trazê-los comigo, Challenger estava empoleirado na sua árvore e, Summerlee deitado no chão, de lado. A nossa única

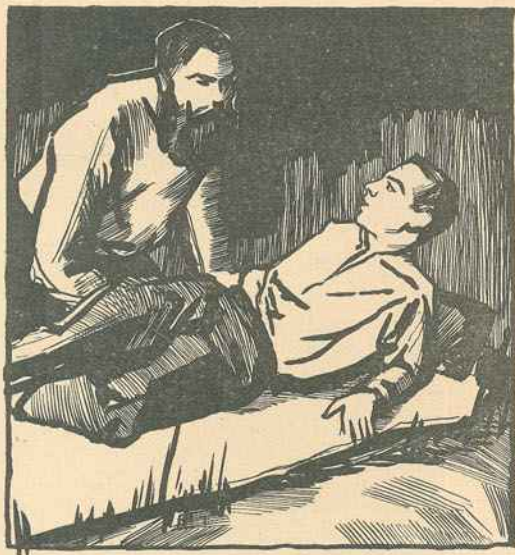


Posto na carabina, deixei os meus amigos a tirar do nosso fugaz aliado e segui a direcção da fuga

vantagem é termos as espingardas para tentarmos um golpe de audácia. A minha fuga em nada agravou a situação dos professores. Todavia, no momento presente, temos por dever de honra libertá-los ou morrer com eles. Tome o seu partido, meu rapaz: é preciso que hoje mesmo, antes da noite, a sorte de todos nós se decida!

Seria em vão que eu tentaria descrever, quando se trata de tiradas de lord John, a nervosidade do seu modo de dizer, a brevidade sacudida da frase e aquele seu tom em que a ironia ressaltava. Este homem nasceu para chefe, nasceu para comandar. O perigo estimulava-lhe a natural vivacidade: a palavra tornava-se-lhe mais fácil, os olhos frios animavam-se-lhe, a alegria eriçava-lhe os bigodes de D. Quixote. O seu gosto pelo extraordinário, o sentimento intenso que lhe despertava a parte dramática duma aventura, por mais enjredo que ele próprio nela se encontrasse, o seu firme propósito de considerar o perigo como um género de sport, como um jogo implacável contra o destino, dão em que a parábola é a morte, faziam dele um companheiro admirável nas horas graves.

Se não fossem os nossos justificados receios, eu teria até prazer em arriscar-me numa tal partida, na companhia daquele



Dormia ainda quando senti que me puxavam pela manga e vi Challenger de joelhos a meu lado

que Summerlee, tomado por um acesso nervoso, até chorou de tanto rir. Os homens-macacos riram também ou, pelo menos, fizeram ouvir um cacarejo que pretendia ser riso, depois do que se prepararam para nos levar através da floresta. Não to-

gem num grande bosque, distante três ou quatro milhas daqui, quasi à beira do planalto. Estes entes imundos encolheram-me por tal forma, que me parece que nunca mais, depois do seu contacto, conseguirei sentir-me limpo. Amarraram-nos e

homem. Erguimo-nos para deixarmos o nosso abrigo, quando ele me agarrou pelo braço.

— *By George!* — murmurou ele. — Os brutos voltam!

Do sítio onde estávamos avistávamos uma baixa povoação de troncos escuros ao longo dos quais avançava um grupo de homens-macacos. Trotavam em fila, voltando a cabeça para a esquerda e para a direita, as pernas flectidas, o dorso abaulado, tocando por vezes o solo com as mãos. Ainda que assim curvados perdessem um pouco da estatura, calculo que eles mediam os seus cinco pés de alto, tendo uns braços enormes e troncos reforçados. Muitos traziam cacêtes. A uma certa distância, dir-se-ia um desfile de seres humanos, peludos e disformes. Vi-os nitidamente durante um momento, depois perderam-se no mato.

— Ainda não foi desta! — disse lord John que tinha levantado a carabina. — O melhor que temos a fazer é ficar aqui muito quietos, até que eles tenham abandonado as suas pesquisas, depois veremos se podemos ir até onde eles estão e concluir o negócio. Daqui por uma hora marchamos.

Preenchemos esta espera almoçando uma lata de conserva. Lord John, que desde a véspera só comera algumas frutas, mastigava como um faminto. Depois, com os bolsos cheios de cartuchos, uma carabina em cada mão, partimos. Antes, porém, tivemos o cuidado, prevendo qualquer acontecimento futuro, de assinalar o nosso esconderijo e a sua situação em relação ao «Forte Challenger». Deslisámos em silêncio, com mil precauções, através do mato, e chegados à beira da muralha, ao lugar do nosso primitivo acampamento, fizemos alto, passando lord John a expor-me os seus planos.

— Nos bosques levam-nos a melhor êsses

Abra bem os olhos. Tenha a carabina sempre pronta. Sobre tudo, não se deixe apalhar enquanto tiver um cartucho. Esta é a minha última recomendação, meu rapaz.

Olhando cá do alto da muralha para a planície, vi o nosso bravo Zambo, sentado numa rocha, dispondo-se a fumar. Bem queria chamá-lo, dar-lhe notícias nossas. Mas podiam ouvir-me. Os bosques estavam cheios de homens-macacos; a cada momento chegava-nos aos ouvidos o seu ruído especial e nós então mergulhávamos no ponto mais espesso do mato e ali nos conservávamos imóveis até que o som decreasesse ao longe. Assim, só muito lentamente avançávamos.

Decorreram duas horas. De súbito, os movimentos cautelosos de lord John advertiram-me de que estávamos próximos. Fez-me sinal para me deter, enquanto ele continuava a avançar de rastos. Um instante depois voltou para junto de mim; o seu rosto traduzia impaciência.

— Venha — disse ele — venha depressa! Deus queira que não chegássemos tarde demais!

Tremendo de febre, arrastei-me a seu lado, sobre os joelhos e as mãos, deitei-me junto d'ele, olhei através do mato, para uma clareira que se estendia na nossa frente.

E vi, então, uma scena que nunca esquecerei. Era tão fantástica, tão absurda que não sei como descrevê-la; nem sei como nela poderei acreditar, passados alguns anos, se é que hei-de voltar um dia a sentar-me num *fauteuil* do Savage-Club ou a contemplar os cais do Tamisa.

Se assim vier a acontecer, terei a impressão de que essa scena não passa duma visão engendrada pelo delírio. Quero, todavia, contar tudo o que vi, neste momento em que me parece ainda estar vendo, e em que o homem, junto do qual eu estava es-

entre os ramos, umas por cima das outras, cabanas curiosamente construídas com folhagem. Imaginem-se uns ninhos que fôsem ao mesmo tempo pequenas casas.

Em cada abertura das cabanas, em cada ramo de árvore formigava, uma multidão de criaturas simiescas, que, pelo tamanho, me pareciam ser as fêmeas e as crias. Ocupavam o último plano, donde seguiam com olhos ávidos o mesmo espectáculo que nos fascinava e aterrava.

No espaço livre, junto da borda do planalto, alinhavam-se muitas centenas de seres peludos, fulvos, quasi todos formidáveis em volume de corpo. Reinava entre eles uma certa disciplina, porque nenhum procurava romper o alinhamento. Um pequeno grupo de índios, baixos mas bem proporcionados de corpo, cuja pele reluzia ao sol como bronze pulido, estava prostrado diante da fila dos homens-macacos, assim como um homem branco, muito alto, que, com a cabeça descaída, os braços cruzados, traía, em toda a sua atitude, abatimento e horror. Não podia deixar de reconhecer a silhueta angulosa do professor Summerlee.

Um certo número de homens-macacos rodeava os prisioneiros, de forma a tornar impossível a evasão. Finalmente, no extremo da beira do planalto, num lugar mais afastado, estavam duas figuras tão estranhas — que em outras circunstâncias me teriam parecido bem cómicas — que atraíram a minha atenção. Uma delas era o meu camarada, o professor Challenger.

«Os restos do casaco pendiam-lhe em farrapos dos ombros; já não tinha camisa e as grandes barbaças emaranhavam-se-lhe com o pêlo negro que lhe cobria o peito; não tinha chapéu e os cabelos, que desde o começo da expedição lhe cresciam à vontade, flutuavam em desordem. Chegava a parecer que um só dia bastara para rebaixar êsse homem da posição eminente que ocupava na civilização moderna à indignidade do último selvagem da América! Ao lado de Challenger estava o rei dos homens-macacos. Êste era ruivo, aquele em negro, eram bem, como tinha dito lord John, a viva imagem um do outro: o mesmo talho de corpo curto e magro, a mesma largura de ombros, os mesmos longos braços pendentes, a mesma barba eriçada mergulhando num peito cabeludo. A não ser o contraste flagrante que a fronte baixa e oblíqua e o crânio curvo do homem-macaco apresentavam com a larga fronte e o magnifico crânio do europeu, mais nenhuma diferença sensível existia: o rei era a caricatura do professor.

Tudo isto, que me leva um certo tempo a descrever, não precisou de mais do que alguns segundos para se imprimir no meu espirito. De resto, tratava-se de coisas bem diversas. Nós assistíamos a um drama. Dois homens-macacos tiraram do grupo um dos índios e arrastaram-no para a beira da muralha. O rei fez um sinal com a mão. Eles agarraram o homem pelos braços e pelas pernas, balançaram-no por três vezes com violência e atiraram-no para o abismo com tal força que o corpo fez no ar, muito alto, uma pirueta, antes de cair. No momento em que ele desaparecia toda a turba dos homens-



Era bem lamentável o nosso aspecto e por isso eu não me admirava, que por vezes, os índios nos olhassem com um espanto a que se misturava o horror

patifes — disse ele. — Vêem-nos e nós não os vemos. Ao ar livre é outra coisa, porque os batemos em velocidade. Portanto, conservemo-nos longe dos bosques. Na beira do planalto há menos árvores. Mantenhamo-nos por aqui. Vamos devagar.

tendido na erva húmida, poderá dizer se minto ou exagero.

Na nossa frente abria-se um largo espaço de alguns centos de jardas, coberto de relva e de fetos de pequena altura. As árvores, dispostas em hemicírculo, sustinham

-macacos correu para a beira do precipício, com excepção dos guardas, e fez-se um grande silêncio, que uma súbita explosão de louca alegria logo quebrou. Os brutos pulavam, agitavam os braços, urravam. Em seguida, vimo-los afastarem-se e pôrem-se em linha, à espera de nova vítima.

Chegara a vez de Summerlee. Dois dos guardas agarraram-no pelos pulsos e puxaram-no brutalmente. Todo o seu longo e delgado corpo se debatia, como um frango tirado da caçoeira. Entretanto, Challenger, voltado para o rei, pedia, implorava com as mãos frenéticas o perdão do seu camarada. O homem - macaco empurrou-o duramente, agitou a cabeça... e foi este o seu derradeiro gesto: a carabina de lord John soou, o rei caiu por terra, uma massa enorme e ruiva ficou a torcer-se no solo.

— Fogo para o monte! — gritou-me lord John — Fogo! Fogo!

Há em todo o homem um estranho fundo de selvageria. Eu sou, por natureza, um ente sensível. Muitas vezes, perante uma lebre ferida, os olhos se me humedeceram e no entanto, naquela conjuntura, sentia sede de sangue. Surpreendi-me a carregar, a descarregar e a tornar a carregar a minha arma, uivando de ferocidade, rindo de alegria! Com as nossas quatro armas eu e lord John fazíamos

uma enorme devastação. Os dois guardas de Summerlee tinham mordido o pó e ele titubeava, como um ébrio, sem compreender ainda que estava livre. A multidão dos homens-macacos corria, desorientada, em todas as direcções, sem saber donde vinha e o que era este furacão mortal. Rodopiavam, gesticulavam, gritavam, esbarravam contra os cadáveres. Um impulso súbito fê-los precipitarem-se nas árvores, procurando ali um refúgio. E no meio da clareira juncada de cadáveres só ficaram os prisioneiros.

Challenger não tinha tido necessidade de empregar um grande esforço para compreender tudo o que sucedera. Empolgado por um braço Summerlee, ainda assombrado, pôs-se a correr com ele na nossa direcção. Dois guardas lançaram-se em sua

perseguição, mas duas balas de lord John detiveram-nos súbitamente.

Corremos para os nossos amigos e demos a cada um uma carabina carregada. Mas Summerlee estava esgotado de forças, não podia manter-se em pé. Entretanto já os homens-macacos, refeitos do pânico que os dominara, voltavam através do mato e ameaçavam cortar-nos a retirada. Recuámos precipitadamente, Chal-

abrir e logo vimos os quatro índios sobreviventes. Imploravam, tremendo, a nossa protecção e apontavam-nos as árvores em volta, mostrando o perigo que nos rodeava. Por fim, lançaram-se aos pés de lord John, abraçaram-se-lhe aos joelhos e colocaram-lhe os rostos contra as pernas.

— By George! — exclamou lord John, perplexo e torcendo nervosamente o bigode — que diabo faremos nós desta gente? Vamos, meninos, ponham-se em pé! Já me contemplaram suficientemente as botas.

Summerlee, já refeito, enchia o cachimbo.

— Também eles foram salvos! — disse ele. — O senhor arrancou-nos a todos das garras da morte. Chama-se a isso um trabalho bem feito.

— Admirável! — exclamou Challenger — admirável! Não fomos só nós, individualmente, que em contraiu para com o senhor uma dívida de gratidão, foi, colectivamente, a ciência europeia. Não hesito em proclamar que o desaparecimento do professor Summerlee e o meu teriam deixado um vácuo na história da zoologia moderna. O nosso amigo Malone e lord Roxton fizeram excelente trabalho. E envolvia-nos num sorriso fraternal. Mas a ciência europeia teria decerto tido uma certa surpresa se visse estes seus dilectos e esperançosos filhos tais como estavam, com o cabelo emaranhado, o peito nú e o

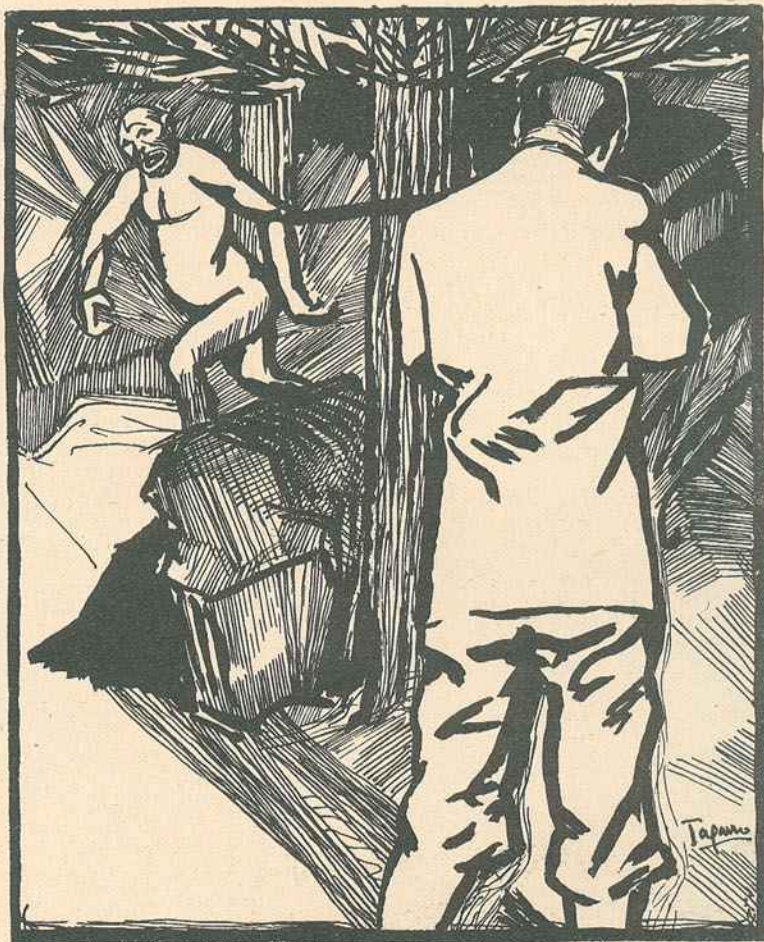
fato em farrapos. Challenger estava sentado, tendo uma lata de coaservas entre os joelhos e na mão um pedaço de carneiro congelado da Austrália. Os índios, quando deram por ele, soltaram um grito e agarraram-se com mais força aos joelhos de lord John.

— Não tenham medo, pequenos — disse ele, acariciando-lhes as cabeças. — Com efeito, Challenger, o seu aspecto impressiona-nos e com razão. Então, não vêem que é um homem, um homem como todos nós?...

— Na verdade, senhor... — protestou Challenger.

— Mas, meu caro Challenger, felicite-se por sair um pouco do vulgar. Sem a sua semelhança, não sei...

(Continua)



Um deles, com o peito todo cheio de golpes, passou diante de mim, urrando de dor

lenger e eu amparando Summerlee, enquanto lord John protegia a nossa retirada, abrindo um fogo nutrido de cada vez que alguma cabeça aparecia por cima dos arbustos. Durante mais de uma milha tivemos na peugada esses sinistros tagarelas. Depois a perseguição afrouxou. Começavam a conhecer o nosso poder e não persistiram em afrontar aquelas carabinas infalíveis. Ao chegarmos ao acampamento, encontrámo-nos sós.

Pelo menos assim o julgávamos, mas enganávamo-nos. Fechada a «porta» do nosso «forte», apertámo-nos mutuamente as mãos e estávamos deitados no solo, bebendo a longos haustos na fonte, quando ouvimos um ruído de passos e de queixumes do lado de lá da porta. Lord Roxton, armado com a sua carabina, corra a

QUEM VÊ CARAS...

(DESENHO DE EMMERICO NUNES)



O FOTÓGRAFO: — Um ársinho de alegria, sr. noivo! Vossência está com uma verdadeira cara de entêrro.



Passatempo

PALAVRAS CRUZADAS (Passatempo)

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
11					12				
13							14		
15					16		17		
20			21			22	23	24	
		25					26		
27	28			29			30	31	
32			33				34		
35							36		
			37						

Horizontalmente:

1 Palavra cabalística. — 11 Animal. — 12 Resaes. — 13 Advérbio. — 14 Letra grega. — 15 Artigo espanhol. — 17 Pronome. — 18 Conjunção. — 20 Ide. — 21 Cidade de Espanha. — 23 Andar. — 25 Um mártir. — 27 Pronome. — 29 Fileira. — 30 Pano precioso. — 32 Santo e Papa. — 34 Nome russo. — 35 Nome bíblico. — 36 Nome índio. — 37 Árvore.

Verticalmente:

1 A primeira vítima. — 2 Valor. — 3 Habitante dum país da Europa. — 4 Preposição inglesa. — 5 Na comédia. — 6 Presente. — 7 Indispensável à vida. — 8 Apelido. — 9 Ordem da Igreja. — 10 Para voar. — 16 Nome feminino. — 18 Governa o mundo. — 19 Sorte. — 20 Rua estreita. — 21 Nota de música. — 22 Gêmito. — 24 Pedir a Deus. — 25 Rio de França. — 26 Debrum. — 28 Sociedade. — 31 Ligeiro. — 33 Conjunção. — 34 Três letras de sono.

— Não posso imaginar o que o Artur acha naquela rapariga, e no entanto dizem que foi um caso de amor à primeira vista.
— Pois sim, mas não te esqueças que ele a encontrou num baile de máscaras.

TINHA RAZÃO DE QUEIXA

— Ó Quim, que diria a tua mãe se soubesse que andas fumando cigarros? E eu, com certeza, tenho de lho dizer.

— Ai, não digas, não! Os cigarros são dela!

PROVA DECISIVA

Dona da casa (ajutando uma criada): — Diz vocemecê que esteve a servir em casa duma condessa? Custa-me muito a acreditá-la!
A criada: — Se a senhora me não acredita, posso mostrar-lhe a minha roupa branca com co-ôas bordadas em tôdas as peças.



— Ouve lá, Gabriela, tenho ouvido falar muito a teu respeito. Há alguma coisa entre ti e o Jaime?

— Há... há o pai, que se opõe ao nosso casamento.

AS MANCHAS BRANCAS (Passatempo)



No interior d'êste rectângulo destacam-se umas manchas brancas; trata-se, com estas manchas, de reconstituir um animal muito conhecido; para isso, o que há a fazer é dividir o rectângulo em 16 rectângulos iguais a fim de reconstituir uma silhueta branca destacando-se sobre fundo escuro.

ATIRANDO AO ARCO (Solução)

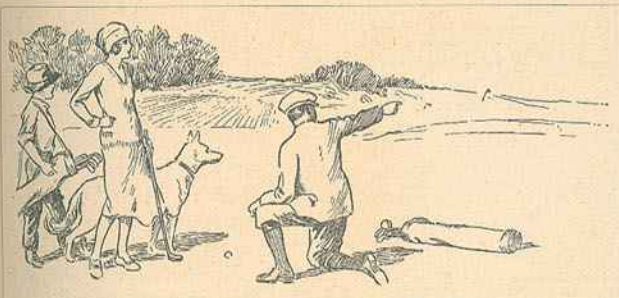
O atirador deve ter atirado seis setas, com as quais acertou em 17, 17, 17, 17, 16, 16, marcando exactamente 100.

PALAVRAS CRUZADAS (Solução)

P	N	A	T	A	L	R	
P	A	R	V	A	L	B	S
A	N	E	E	L	O	E	R
U	C	R	I	R	E	I	L
M	I	A	R	N	O	R	A
P	I	F	O	C	A	E	T
I	E	L	A	O	S	L	
S	I	A	R	T	E	S	F
A	R	A	U	R	I	S	E
I	O		E		O	N	
A	S	O	F	R	I	S	O

O professor: — Dê-me um exemplo de hereditariedade, Antoninho.

O Antoninho: — Vem a ser uma coisa assim: se o seu avô não tivesse tido filhos, o seu pai também os não teria, e o senhor t a m b é m não.



Procurem mais dois jogadores de golf.

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

EXTRACTO DA RELAÇÃO DAS OBRAS REGISTRADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA EM JUNHO DE 1927

LITERATURA

AGUILAR (EDUARDO DE) — *Vida de miseráveis*. Romance. Il. de Rocha Vieira. 179 p. 8.º — 8\$00.

BLASCO (MERCEDES) — *Das qualidades magnas do artista dramático*. 2.ª ed. 48 p.

BLASCO IBAÑEZ (VICENTE) — *A Condenada*. Contos. Trad. de Acácio Antunes. 126 p. 8.º, c. capa il. por Alfredo Morais. — 7\$50.

BLASCO IBAÑEZ (VICENTE) — *Touros de morte*. Trad. livre de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa. 2.ª ed. 384 p. 8.º c. capa il. por Castañe. — 10\$00.

BRANCO (GRACIETTE) — *Bébés de bibe e «babettes»*. Des. de Eduardo Malta. (Bib. Pim-Pam-Pum) 35 p. il. a cores. — 5\$00.

CARDIM (LUÍS) — *O estudo das línguas*. 16 p. — 2\$50.

CASTELO BRANCO (GABRIELA) — *Lusitánicas*. 112 p. 8.º c. capa il. — 8\$00.

CHATRIAN (ERCKMAN) — *O conteiro alaciano*. Trad. de Câmara Lima. 202 p. 8.º, c. capa il. — 6\$00.

DANTAS (JÚLIO) — *Cartas de Londres*. 268 p. 8.º — 10\$00.

FERREIRA ALVES (HORÁCIO) — *Dois caluniados*. (D. Fernando I e Leonor Teles). 239 p. 8.º — 10\$00.

FIGUEIREDO (CÂNDIDO DE) — *Pequeno dicionário da língua portuguesa*. 1466 p. 8.º — 30\$00.

FORJAZ DE SAMPAIO (ALBINO) — *Organizador. Os Contemporâneos*. Henrique Lopes de Mendonça. A sua vida e a sua obra. (Col. Patrícia). 16 p. — 2\$50.

FORJAZ DE SAMPAIO (ALBINO) — *Organizador. D. João da Câmara. A sua vida e a sua obra*. (Col. Patrícia). 16 p. — 2\$50.

FORJAZ DE SAMPAIO (ALBINO) — *Organizador. Musa Feminina. As Cartas de Sórora Mariana*. (Col. Patrícia). 16 p. — 2\$50.

GUERRA JUNQUEIRO — *Poesias dispersas*. 2.ª ed. 184 p. 8.º — 5\$00.

GUERRA JUNQUEIRO — *Prometeu Libertado* (Esboço de poema). Com um pref.º de Luís de Magalhães. 48 p. — 3\$00.

GUISADO (ALFREDO PEDRO) — (Pedro de Menezes) — *As cinco chagas de Cristo*. 37 p. c. capa il. por Eduardo Malta. — 5\$00.

LIMA BRANDES (MARIA LEONOR) — *Os meus contos*. Pref. de Augusto de Santa Rita. Il. de Eduardo Malta. (Bib. Pim-Pam-Pum). 35 p. il. a cores. — 5\$00.

LOBO (ACÁCIO) — *Vocabulaires commerciaux et industriels. II—Français-Portugais*. 100 p. 8.º — 5\$00.

LOBO D'ÁVILA (ARTUR) e FERNANDO MENDES — *A verdadeira paixão de Bocage*. Romance histórico. 236 p. 8.º c. capa il. — 3\$00.

MADALENA (MARIA) — *Os sete demónios* (Contos do Natal). 128 p. 8.º — 10\$00.

NAVARRO (AUGUSTO) — *Uma rapariga moderna*. Novela. 234 p. 8.º c. capa il. — 10\$00.

PEDRO (ANTÓNIO) — *Lêdo Encanto*. Poemas.

PORTELA (SEVERO) — *Manhã de S. João*. Romance. 82 p. c. capa il. — 6\$00.

RIBEIRO (JOÃO) — *Cartas devolvidas*. 270 p. 8.º — 7\$00.

ROSS (DANIEL BURST) — *A vida triunfal*. Trad. de José Agostinho. 176 p. 8.º — 6\$00.

SAINT-JEAN (CLAUDE) — *O Castelo dos Moiros*. Romance. Trad. de Florbela Espanca Lage. 229 p. 8.º — 10\$00.

SOUSA COSTA (EMÍLIA DE) — *Contos do Joãozinho*. I Parte. Il. de Raquel G. Ottoni. 81 p. c. grav. — 5\$00.

STANLEY (ERIC) — *Nas garras do leão*. (Romances para toda a gente). Trad. de Horácio de Gall Fontes. 121 p. 8.º — 3\$00.

TEIXEIRA DE CASTRO (AURORA) — *Teatro*. Na sombra. Mistérios de Amor. 239 p. 8.º — 10\$00.

TOJAL (JAIME) — *A confraternização universal*. 91 p. 8.º

Vida (A) amorosa de Bilitis. Séc. VI A. C. J. A. F. traduziu. 105 p. — 15\$00.

VINCY (RENÉ) — *As duas mártires*. Romance folhetinesco. Trad. de Maria Lúcia. Capa de Alfredo Morais. 220 p. 8.º — 4\$50.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

BENSABAT AMZALAK (MOSES) — *Uma carta de lei inédita de D. Afonso V*, onde, entre outros assuntos, se trata das judarias portuguesas. 26 p.

CARVALHO (MÁRIO AFONSO DE) — *República de Cuba*. 93 p. 8.º c. grav. e mapas e cap. il. — 7\$50.

DORNELAS (AFONSO DE) — *Apontamentos*. I vol. 201 p. 8.º c. grav. e estampas. — 50\$00.

JÁCOME CORRÊA (MARQUÊS DE) — *A Ilha da Madeira*. Impressões e notas arqueológicas rurais, artísticas e sociais. 246 p. 8.º c. grav. e estampas. — 20\$00.

MARTINS JÚNIOR (JOSÉ AUGUSTO) — *O Presidente Landru na República da Calábria*. 660 p. 8.º c. o ret. do A. — 15\$00.

REVISTAS

Teem-nos sido enviadas as seguintes, publicadas umas em Portugal e outras no Brasil:

A B C, que Rocha Martins dirige com tanto brilho — ARQUITECTURA, que de número para número se esmera na valia do seu texto — BOLETIM DA DIRECTORIA DE INDÚSTRIA E COMÉRCIO, que nos chega de S. Paulo (Brasil) — BOLETIM DO SPORTING CLUB DE PORTUGAL — BROTERIA, a douta revista que se publica em Caminha e em cujas páginas se encontram sempre altos problemas de sciência — DE TEATRO, que insere uma peça inteira em cada caderno — ECO DOS SPORTS — EVA, dedicada a assuntos femininos — GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO — A GUERRA — ILUSTRAÇÃO ALENTEJANA, cheia de belos artigos e gravuras louvando a graça do Alentejo, que tantos desconhecem e caluniam — LUSÍADA, nova revista portuense — O MUNDO CIENTÍFICO, também do Porto — REVISTA DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO AMAZONAS (Manáos) — REVISTA ESCOLAR — REVISTA INSULAR E DO TURISMO, que nos fala dos encantos da Madeira e dos Açores — SEARA NOVA, que reaparecida com um caderno de homenagem à travessia atlântica realizada por Sarmiento Beires, sai de novo com regularidade, mas substituindo os assuntos políticos pelos literários — REVISTA PORTUGAL - AMÉRICA PORTUGUESA, com texto em português e inglês e que é órgão dos nossos colonos nas terras americanas do norte — TERRAS DE PORTUGAL, revista ilustrada, cujo último número trata de várias localidades alentejanas — VASCO DA GAMA, editada pela escola de ensino particular do mesmo título e que insere bons artigos de pedagogia e cultura — e O VOLANTE, cujo teor tanto interessa aos automobilistas.

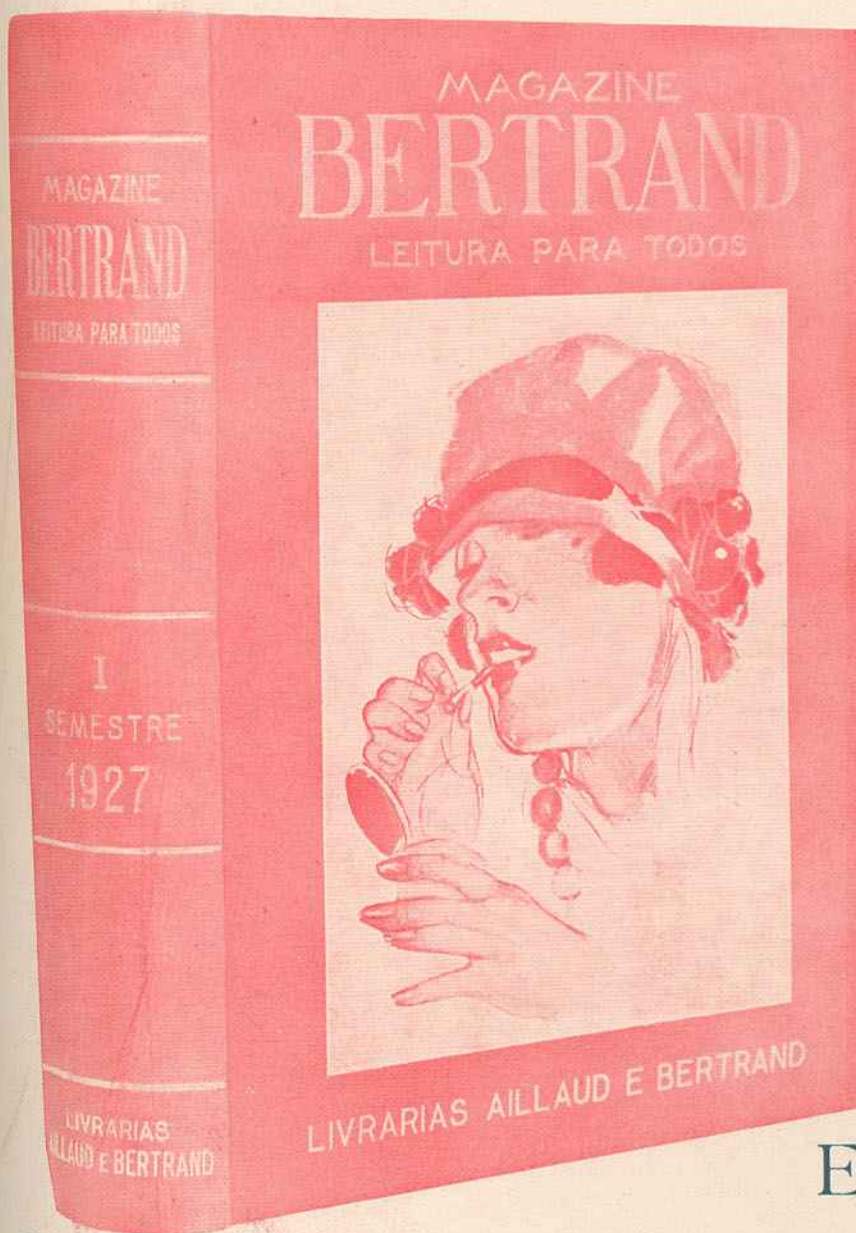
As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tôdas as informações às consultas bibliográficas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao cambio do dia

ASSINATURAS DA "ILUSTRAÇÃO"

	Trimestre	Semestre	Anual
	Escudos	Escudos	Escudos
CONTINENTE E ILHAS	22\$00	44\$00	88\$00
Exemplares registados	25\$00	50\$00	100\$00
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL	25\$00	50\$00	100\$00
Exemplares registados	27\$50	55\$00	110\$00
INDIA, MACAU E TIMOR	27\$00	54\$00	108\$00
Exemplares registados	30\$00	60\$00	120\$00
ESPANHA	24\$00	48\$00	96\$00
Exemplares registados	27\$00	54\$00	108\$00
ESTRANGEIRO	32\$00	64\$00	128\$00
Exemplares registados	37\$00	74\$00	148\$00

CAPAS PARA ENCADERNAÇÃO

DO



CAPA PROPRIA
EM PERCALINA
COM
FERROS A OIRO
E ILUSTRADA

Esc.: 7\$00

CAPA
E ENCADERNAÇÃO
(CADA VOLUME)

Esc.: 10\$00



I ANO

1.º Semestre

CADA VOLUME
ENCADERNADO

Esc.: 40\$00

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Todos os colecionadores e assinantes do «MAGAZINE BERTRAND» que queiram encadernar o 1.º semestre, devem remeter à redacção, Rua Anchieta, 25, os n.ºs 1 a 6. Os volumes devem ser encadernados com as páginas dos anúncios e respectivas capas de brochura.

LINCOLN

A ÁGUIA

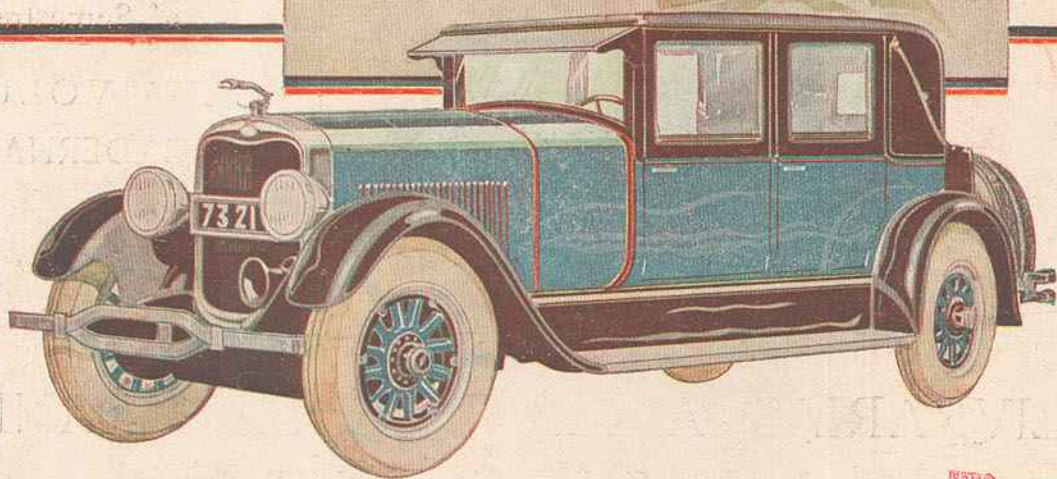
O mais sereno, o mais veloz e o mais cómodo carro de turismo. O único e verdadeiro wagon-leito dos automobilistas. O mais perfeito, o mais elegante e de fabricação mais esmerada. Todos os bons turistas devem preferir um «LINCOLN».

SALÕES DE EXPOSIÇÕES NAS PRINCIPAIS
CAPITAIS DE PORTUGAL E ESPANHA

LISBOA — Orey, Limitada, Rua Cais do Tojo, 35

MADRID — Avenida Pi y Margall, 11

BARCELONA — Diputación, 279



ESTDA
LINCOLN